



# NO PAGO DA MORTE

ALF REGALDIE



EN EL VALLE DE LA MUERTE

# **No Paço da Morte**

## **Alf Regaldie**

*Título Original: Em el Valle de la Muerte*

*Levando uma vida simples em Monterrey cuidando de sua granja, Irish não imaginava a mudança que teria em sua vida. Após receber uma carta de seu pai, dizendo que tinha ido atrás de ouro, a fim de ter uma vida mais confortável, a jovem decidira seguir atrás dele, depois que sua mãe falecera. No entanto, em seu primeiro acampamento ela já fora atacada por homens selvagens, vindo a cair no Kern River e quase morrer. Se não fosse por Clark Jackson, sua vida teria sido ceifada naquelas águas. Ao lado deste charmoso e misterioso cavaleiro, Irish vive as mais incríveis aventuras de sua vida, atravessando o terrível deserto para chegar ao “Vale da Morte”. Um faroeste onde os bandidos são implacáveis e cada dia nasce com um novo desafio para Irish e Clark. Será que conseguirão chegar com vida até o seu destino?*

Disponibilização: Luka / Digitalização: Marina  
Revisão: Caroline Romani / Formatação: Edina

## CAPÍTULO I

Irish Wells, era loura, linda, de rosto ameninado, e porte esbelto e espigado.

Antes de sair de Monterrey em busca de seu pai, cortara os cabelos como rapaz e, tanto por sua maneira de vestir como pelos gestos, tentava assemelhar-se a um jovem, coisa que conseguira após alguns dias.

Irish já completara os vinte e dois anos, e era de temperamento resolutivo. Esses dois fatores tinham-lhe auxiliado a parecer um representante do sexo oposto, imberbe e por volta de dezessete anos.

Trabalhara muito em sua granja de Monterrey até bem pouco, enquanto a possuía.

O trabalho deixara seu corpo vigoroso, tornando as palmas das mãos um tanto calejadas.

A mãe de Irish morrera repentinamente pouco antes, e a linda jovem, ao ficar sozinha, vendera a granja para ir à procura do pai, de quem tivera notícias há algum tempo.

Sammy Wells ultimamente seguira o destino dos procuradores de ouro, já farto de trabalhar em sua granja de Monterrey, sem sair daquela vida de mediocridade.

Na última carta, mandava dizer que estava bem perto de conseguir o que sonhara, e que logo voltaria coberto de ouro.

A mãe de Irish não tivera tempo de ler a carta, pois morrera antes de sua chegada. Se a tivesse lido, obrigaria Irish a jurar que não se afastaria de Monterrey.

A pobre mulher conhecia bem a filha que tinha, sabendo que herdara o mesmo temperamento aventureiro, decidido e sonhador do pai.

Foi tal circunstância que levou Irish a achar-se naquele momento a muitos quilômetros de distância de sua cidade natal, do que fora seu lar, sozinha no pequeno acampamento que levantara às margens do Kern River.

A jovem ia acender o fogo para fazer café.

Seu cavalo pastava na abundante relva que crescia por ali. A vigilância do acampamento, como sempre, fora confiada a seu fiel cão "Silver".

Subitamente, o animal ficou de pé e mostrou os caninos, enquanto soltara um surdo grunhido de aviso.

O cavalo levantou a cabeça, espelhando um vivo alarme em sua atitude e a linda loura correu para o rifle que mantinha perto.

"Silver" saltou com ímpeto, soaram dois tiros e o animal, atingido em cheio, caiu ao solo, gemendo lastimosamente.

Irish viu de onde tinham vindo os balaços e, embora não pudesse ainda divisar seus autores, levou o rifle ao rosto, enquanto punha um joelho em terra.

Mais dois disparos consecutivos troaram, partindo de um dos lados e o rifle lhe foi arrebatado como que por mão invisível.

Virou-se contra o novo atacante, enquanto levava a mão ao revólver, mas recebeu uma pancada no braço. Viu-se obrigada a soltar a arma que não terminara de puxar do coldre.

Um forte bofetão derrubou-a ao solo e, antes que pudesse levantar-se, foi cercada por três homens relativamente jovens mal encarados, cada um apontando-lhe um rifle.

Um deles disse, em voz rude:

— Quietinho rapazinho! É muito novo para ser tão brigão...

Irish ficou em silêncio. Seu olhar se fixou no canalha que falava ao animal morto. Sua expressão foi suficientemente clara para que os agressores compreendessem que não lhes perdoava o crime.

Um deles deu de ombros, num gesto indiferente e disse:

— É um animal! Muito pior se fosse você, não? E pouco faltou para isso...

— Aonde vai por aqui? - perguntou outro. Irish continuou silenciosa.

Dois deles deixaram de apontar-lhe as armas. Um falou:

— Vou revistar seus pertences... Onde guardou o dinheiro?

A lourinha também não respondeu, olhando para o último que falara com mais ódio que os outros.

Era um dos que tinham atirado em seu cachorro e além disso seu aspecto era mais desagradável, mais repulsivo.

Não obtendo resposta, tentou golpear uma perna de Irish com a coronha do rifle.

Ela girou rapidamente no chão, o golpe falhou e o homem quase caiu, perdendo o equilíbrio.

O verme praguejou, irritado, e levantou a arma novamente, ansioso por machucá-la.

Irish livrou-se por pouco.

No mesmo momento, uma enorme pedra ficou-lhe ao alcance da mão e, antes que o outro se refizesse do segundo erro, atirou-lha ao rosto.

O improvisado projétil atingiu seu objetivo com força. Ouviu-se um estalar, seguido por um grito de dor do canalha, mais semelhante ao uivo de animal que a um. grito humano.

O sangue começou a escorrer-lhe pela boca e narinas.

Irish correu depressa e mergulhou no rio, antes que os outros pudessem reagir.

A linda loura viu-se arrastada pela corrente, embora logo viesse à tona.

Percebeu o ruído das detonações dos bandidos, assim como seus gritos.

Dois silvos agudos fizeram-na estremecer; eram projéteis que atingiam a água, a pequena distância de onde estava.

Percebia os gritos dos bandidos e os disparos de maneira estranha, como se estivessem mais afastados do que na realidade.

Ouviu o silvo de mais dois balaços e tornou a mergulhar.

Sentiu que seus pulmões estavam a ponto de estourar e fez um enorme esforço para tornar a vir à tona.

Suas roupas pesavam, principalmente os sapatos.

Tentou olhar para a margem onde tinham ficado seus inimigos, mas foi arrastada e engoliu água.

Nada viu e teve a impressão de que estava muito longe.

Encontrou uma forte correnteza que a puxou para a outra margem e esforçou-se para poder sair do rio, aproveitando o inesperado auxílio.

Apesar do peso morto de suas roupas e calçados, bracejou vigorosamente.

O rio fazia uma curva e aquela mesma corrente grava, tornando a arrastá-la para longe da margem, quando se julgava a ponto de alcançá-la.

Apesar de sua grande coragem, sentiu medo.

Estava cansada com o enorme esforço e deixou-se arrastar, aguardando uma nova ocasião



favorável para melhor aproveitar a correnteza a seu favor.

A água parecia puxá-la para o fundo e precisou apelar para todas as suas forças a fim de manter-se à superfície. Travou uma luta impetuosa, onde tornou a engolir mais água, de gosto sumamente desagradável.

Estava começando a sentir-se perdida, quando viu algo emergindo perto dela.

Pareceu-lhe um tronco de árvore e fez um último esforço para alcançá-lo.

Esta nova tentativa esgotou-a a tal ponto, que não pôde resistir ao choque contra o tronco. Entretanto, aferrou-se desesperadamente a ele, deixando-se arrastar, enquanto conservava a cabeça fora d'água.

Julgou ouvir um grito.

Fechou os olhos, embora mantendo na mente a ideia de que precisava aguentar-se a qualquer preço.

Empregou toda a sua força de vontade em evitar a perda dos sentidos.

Seus ouvidos zumbiam e o coração batia em desespero, sentindo ao mesmo tempo uma forte opressão no peito e na cintura.

Repetindo para si mesma, como numa ideia fixa:

— Não devo soltar-me! Não devo soltar-me!

\* \* \*

Clark Jackson erguera seu acampamento na outra margem do Kern River, um pouco abaixo do de Irish, após a curva formada pelo rio.

O acampamento ficava situado numa pequena elevação do terreno, mas a curva evitava que pudesse avistar o de Irish.

Quando houve o incidente entre a jovem e os bandidos, o vento permitiu que Clark ouvisse o ruído dos tiros.

O homem já acendera o fogo e dispunha-se a fazer café. Levantou-se e ficou atento à direção de onde provinham os tiros.

— Nada. A curva impediu-me de ver... Talvez sejam caçadores, embora não deva descuidar-me por um momento.

Ficou olhando para aquela direção e percebeu novos tiros.

Moveu a cabeça em sentido negativo e falou para si mesmo:

— Minha intuição diz que não são caçadores...

Apertou os olhos para ver melhor. Julgou perceber uma cabeça assomando à superfície das águas do rio.

Foi no instante em que Irish era arrastada para a margem em que ele estava e, quando ela bracejou, esforçando-se para atingi-la, ele pôde distinguir melhor.

Ao notar que voltava novamente para o centro da torrente, resolveu ir em seu socorro.

Alto, vigoroso e decidido, Clark não vacilou um só momento e correu para a margem. Enquanto tirava os sapatos e a camisa, seguia com olhar a impotente luta do náufrago.

Atirou-se à correnteza quando Irish aferrou-se ao tronco.

Além do seu visor físico, Clark era um exímio nadador e acertou a água em vigorosas e seguras braçadas, calculando bem a força da corrente para alcançar o tronco antes que passasse à sua frente.

Chegou com tempo de sobra e suportou habilmente o choque contra a madeira friamente atirado de um lado para outro pela violência das águas.

Aferrou-se a ele, verificando se Irish não se tinha soltado e começou a manejá-lo com habilidade em direção à margem.

A princípio, enquanto aproveitou a direção da correnteza, foi fácil, mas depois precisou lutar impetuosamente. Ficou extenuado.

Contudo, conseguiu triunfar e abordou a margem quando já tinham ultrapassado o lugar de seu acampamento em mais de trezentos metros.

Atolou o tronco à beira do rio para que a corrente não tornasse a arrastá-lo e, sem se soltar, chegou até onde estava Irish, que pouco faltava para perder os sentidos.

Com jeito, o jovem separou-a do tronco e levantou-a até a margem, depositando-a no chão.

Em seguida, pulou também.

Embora não tivesse desmaiado, Irish estava exausta, inteiramente esgotada, dando a impressão de já estar inconsciente.

Clark murmurou:

— Pobre rapaz! Veremos o que houve... Abaixou-se e tomou a jovem nos braços para cobrir

a enorme distância que o separava de seu acampamento.

— Ainda bem que não pesa muito. Caso contrário, depois do esforço que fiz no rio...

Tendo Irish nos braços, Clark sentiu uma emoção que qualificou de inexplicável. Contemplou o rostinho da jovem, seus olhos cerrados, sua boca carnuda, sumarenta e fresca. Comentou:

— Bonito demais para um rapaz...

Caminhou depressa, sem se preocupar muito com os pés descalços magoados pela aspereza do terreno.

Quando chegou ao acampamento, reavivou o fogo, após colocar Irish estendida perto do calor.

Uma vez o fogo reanimado, começou a descalçar a jovem, dispondo-se então a despi-la de sua jaquetinha de pele de gamo.

Conseguiu tirá-la facilmente e enrugou o cenho, estranhando a compleição do peito da jovem, que nada tinha de masculino.

Vacilou um momento, um ar perplexo apareceu-lhe no rosto e então decidiu tirar-lhe a camisa, enquanto dizia para si mesmo:

— É preciso tirar-lhe a roupa para secá-la.

Desabotoou dois botões e, apesar do apertado corpete que ela usava, intuiu a verdade.

Enquanto isso, Irish saía de sua espécie de letargia, impelida pelo instinto, encolheu-se como um novelo, ao mesmo tempo que levava as mãos ao busto, protegendo-o.

A jovem arregalou os olhos e fitou seu salvador com expressão de assombro e medo.

Aquilo foi o bastante para que Clark compreendesse afinal. Falou-lhe:

— Não se assuste, juvenzinha. Tomei-a por um rapaz e por isso atrevi-me... Asseguro-lhe que pode ficar tranqüila...

Irish compreendeu e murmurou debilmente:

— Obrigada...

— Não precisa contar agora o que houve. Vou dar-lhe roupa seca e uma manta. Você tire isto enquanto vou recolher o resto de minha, roupa e os sapatos...

Com os dentes castanhando, ela afirmou com a cabeça, aceitando a idéia.

— Depois, farei um café bem quente. Um trago de uísque não lhe iria mal, só que não deve

abusar. Seria muito engraçado se depois disso ficasse embriagada...

Enquanto falava, estendeu à jovem um cantil com uísque.

Em seguida, apanhou roupa limpa e seca, deixando-a perto dela. Esticando a manta, formou uma espécie de anteparo para que ela se despisse por trás dele.

— Vamos, confie em mim. -Irish sorriu levemente, e disse:

— Estou certa de que posso confiar.

— Obrigado.

Clark sentiu-se recompensado pelo sorriso que recebeu, o olhar daquelas grandes e expressivas pupilas azuis e, mais que as palavras, o tom com que foram pronunciadas:

— Obrigada ao senhor...

Não precisou afastar-se muito até o lugar em que deixara, suas roupas e calçados.

Sentou-se na relva e calçou-se, vestindo também a camisa, sem parecer ter muita pressa em terminar a operação.

Finalmente ouviu a voz de Irish a chamá-lo, timidamente:

— Já pode vir...

Aproximou-se vagorosamente, enquanto ela desfazia o anteparo da manta.

Enquanto caminhava, confessou para si mesmo que era uma figurinha deliciosa, apesar de

suas roupas masculinas, grandes e folgadas demais. Poderiam ser um bom disfarce.

Repetiu-se monotonamente:

— Não deve encará-la como mulher... Não deve... Não deve...

Suspendeu repentinamente o curso de seus pensamentos ao vê-la abaixar-se para recolher a roupa molhada, deixando em relevo a curva suave dos quadris.

Coçou a nuca e disse:

— Será difícil não encará-la como mulher. Contudo, cuidado, Clark. Esta é uma boa garota; daquelas com quem, ou casamos ou deixamos em paz...

Parara alguns instantes e depois de concatenar suas últimas ideias, prosseguiu para o acampamento.

Quando chegou ao lado dela, Irish torcia suas roupas, dispondo-se a secá-las em seguida.

— Não tenha pressa. Descanse. Tomaremos café e, se ainda não almoçou, comeremos assim que fique mais calma. Depois então estenderá suas roupas...

— Estou bem e esta será minha primeira providência. Tomei tanta água do rio, que nem mesmo pensei em chegar até lá para lavar a roupa...

— Compreendo que esteja assustada... Bem, se já está melhor, vá e lave agora. Enquanto isso, farei o café.

— O senhor é muito amável...

— Não vejo nada de estranho. O natural na vida é que nos ajudemos uns aos outros, principalmente quando estamos perdidos nestas imensidões.

Clark abarcou o panorama com um gesto. Depois, perguntou:

— É verdade. Que fazia você, sozinha num lugar onde não existe uma habitação humana em muitos quilômetros de raio?

— Não se importa se conversarmos depois? Quero secar minha roupa o quanto antes... Tenho que recuperar meu cavalo e minhas coisas, se é que ainda estão lá.

— Posso ir agora, se quiser.

— Não; prefiro ir consigo. Se eles deixaram, ainda estará lá... Se não, para que pressa? Além disso quero enterrar "Silver". Era meu cachorro, sabe? E eles o mataram.



## CAPÍTULO II

Enquanto tomavam o café, almoçando em seguida, a jovem narrou a Clark o que lhe tinha acontecido.

Ele a ouviu atentamente e, quando a; louura terminou, perguntou-lhe:

— Já os conhecia?

— Garanto-lhe que nunca os vi na vida.

— E pediram-lhe o dinheiro?

— Sim. Isso mesmo...

— Seria indiscrição perguntar-lhe o que vem fazer aqui?

— De modo algum. Fiquei só e vim atrás de meu pai. Julguei que fosse menos arriscado fingir que sou um rapaz.

— Estando sozinha, sim. Embora, salvo alguns canalhas, as mulheres sejam respeitadas. E os canalhas não respeitam ninguém, seja homem ou mulher, como bem pôde ver...

— É verdade... — admitiu ela. Continuou: — A última carta que tive de papai foi enviada de Sequoia... A última e quase a primeira desde que saiu de casa, há um ano mais ou menos. Recebemos outra há uns oito meses...

Em seguida, resumiu a história de sua vida.

— Já encontrou alguma pista dele? — perguntou Jackson.

— Em Sequoia, soube que partira em direção Leste e que não seria de estranhar se estivesse em Nevada. Há ouro por lá...

— Devo reconhecer que é valente e ousada. Chamo-me Clark Jackson. E você?

— Irish Wells — respondeu, perguntando também, — Para onde vai?

— Por ora, sigo seu mesmo caminho, jovenzinha.

— Também procura ouro?

— Bem, Irish. O ouro não me incomoda e bem que gostaria de encontrar um belo filão. Mas agora não procuro ouro.

— Seria indiscreta, perguntando-lhe o que procura?

— Não é indiscrição perguntar. Talvez indiscrição fosse eu responder...

— Desculpe-me...

— Não há de que. Na verdade, tinha o direito de fazer a pergunta, uma vez que também lhe fiz muitas. E foi mais clara em suas respostas do que eu.

— Não tem importância. Talvez sua missão seja reservada e faz bem em não contá-la.

— Nada tem de particular, mas é melhor não falarmos nisso.

— Para mim, é suficiente ter-me salvo a vida. Estou certa de que é uma boa pessoa.

O jovem coçou a nuca, com uma expressão de intensa perplexidade e respondeu:

— Boa pessoa... Não tenho muita certeza disso, Irish. Não sou canalha nem bandido como os que a atacaram, mas dizer que alguém é uma boa pessoa, é coisa muito vaga...

— Não acredito. O que fez comigo prova, que é bom.

— Não podia agir de outro modo, Irish! Não ia permitir que a correnteza a arrastasse, afogando-a...

O rosto da linda loura expressou certo coquetismo ao dizer:

— Mas o senhor, depois, portou-se como um cavalheiro e foi muito delicado comigo...

— Bem, não sou selvagem! E para magoá-la é preciso alguém ser muito animalesco...

Haviam terminado de almoçar, e Clark fumou lentamente um cigarro, contemplando com frequência o rosto da jovem.

Afinal, disse:

— Bonito demais para ser rapaz. Não compreendo como conseguiu enganar os outros, apesar de suas mãos calejadas...

— O senhor também ficou iludido por algum momento, até que resolveu tirar-me a camisa — replicou ela, ruborizando-se.

— Não acredite. Quando a tomei nos braços, à margem do rio, senti uma sensação esquisita...

Surpreendeu-se ao ver que olhava para ela como a uma mulher. Esmagou o toco de cigarro contra o chão e disse logo:

— Vamos mudar de assunto?

— De acordo. Não se preocupe comigo. Não pretendo seduzi-lo — respondeu Irish, com entonação maliciosa .

— Que idade tem?

— Vinte e dois anos. E o senhor?

— Vinte e nove.

A loura comentou com uma expressão de falsa ingenuidade, a qual tinha muito de cômica:

— Até que os dois fariamos um belo par. - Percebeu o susto de Clark, sorriu com expressão matreira e apressou-se a dizer:

— Não tenha receio! Não vou pedi-lo em casamento.

Ele respondeu, ligeiramente irritado:

— Não receio que isso aconteça. Sei perfeitamente dizer-lhe não.

— Bem, já fui reprovada... Também, não se pode dizer que seja muito galante.

— Não se trata disso. Não tenho vontade de estragar minha vida e muito menos a sua.

— Não creio que a estragasse. Uma mulher precisa casar-se. E eu já estou em idade disso.

— De acordo, de acordo! Então ficasse em Monterrey, onde teria mais possibilidades. Estou certo de que não lhe faltariam pretendentes. Você é atraente e parece boa moça...

Irish riu discretamente, dizendo depois:

— Já está melhor.

Suspirou de maneira cômica e explicou:

— Sim. Tive alguns pretendentes, mas não gostei de nenhum.

Depois olhou para Clark, com intenção maliciosa, e disse:

— Não havia ninguém com sua aparência.

Tendo acendido outro cigarro, Jackson quase se engasga com a fumaça.

Conseguiu refazer-se, e disse:

— Vou responder à sua pergunta de antes, Irish.

— Qual delas?

— Queria saber o que faço por aqui...

A loura encolheu os ombros e replicou:

— Não tem importância. Como disse que seguia o mesmo caminho que eu, pensei que talvez procurasse, ouro, como papai. Embora julgue que ele já o tenha encontrado.

— Pois bem. Não procuro ouro e sim um homem para matá-lo.

— Mas isso é uma selvajaria! — replicou ela, calmamente. — Imagino que ele lhe tenha dado motivos, logo... Bem, compreendo que queira matá-lo.

Desde que afastasse da mente da jovem aqueles pensamentos de torná-lo seu marido, qualquer assunto seria bom. Assim, o rapaz continuou:

— O grande porco levou-me um belo monte de dinheiro, aproveitando-se de minha embriagues.

Sem dar-lhe importância, Irish exclamou:

— Caramba! Ouvi comentários sobre o caso em Tulare...

— Pois foi justamente lá que aconteceu! — confirmou ele.

— Estava tão embriagado, que não consegui mover-me e cheguei a dormir como um tronco. Uma loura me acompanhava...

Uma expressão de asco passou pelo rosto de Irish. Falou:

— Eu a vi e raios! Tentou conquistar-me...

Clark arregalou os olhos e perguntou:

— Será possível?

— Sim, é possível. Não creia que esse tipo de mulheres anda atrás apenas de homens como o senhor... Disse que eu era um simpático rapaz e que me amaria loucamente, assim que me viu tirando dinheiro para pagar a despesa...

Apertou os olhos, com expressão maliciosa, e perguntou:

— Aconteceu o mesmo consigo, Sr. Jackson? Ou ela se deixou engambelar por seu tipo?

A pergunta era dirigida num irritante tom zombeteiro o que deixou Clark enfurecido.

— Sou um homem de verdade! — respondeu, desafiante.

Irish, então, replicou com seriedade:

— Pois comigo portou-se como um homem de verdade e quero agradecer-lhe de verdade

também. Mas com ela, portou-se como um palhaço e sabe disso.

Sem dar importância ao gesto de assombro dele, continuou:

— Tulare inteiro ainda se ria do caso quando passei por lá.

— Contudo, não foi ela quem me roubou o dinheiro!

— Parece que estava tão bêbeda quanto o senhor. Não sei de quem sinto mais asco: se de mulheres como aquela ou dos homens que caem em suas malhas.

— Escute, jovenzinha! A gente precisa de certas expansões na vida... Bem, será melhor não falarmos mais nisso.

— Claro. É melhor...

Naquele momento, entreolharam-se como dois inimigos, de cenhos franzidos.

Clark voltou ao ataque, dizendo:

— E não tenho que dar-lhe explicações de meus atos.

— E eu nada pedi. Quem começou a falar foi o senhor...

— Qualquer um diria que está com ciúmes.

— Ciúmes? Ciúmes, eu? Essa é muito boa! Ciúmes de semelhante mulherzinha e de um sujeito que se embriaga até perder os sentidos, deixando que roubem seu dinheiro! Que bela prenda é o senhor!

Clark primeiro sobressaltou-se e depois, quando parecia a ponto de saltar, mudou repentinamente, rindo-se de modo escandaloso. Chegou a deixar Irish desconcertada, a qual perguntou, depois:

— Pode-se saber de que se ri agora?

— Dos tontos que somos e principalmente eu. Tem toda a razão, Irish. Dei motivos para que se rissem de mim.

Aliviada, Irish riu também, declarando:

— Bem, se reconhece seu erro, não é tão mau.

— Confesso que fui um idiota. Mas, quem desconfiaria de um sujeito que tem cara de excelente pessoa?

— Talvez o fosse mesmo, e ficasse irritado com sua bebedeira...

— Não. Essa gente é assim mesmo. Mostra uma boa cara para depois...

Fez uma pausa, deixou a frase no ar e balançou a cabeça em sentido negativo. Acrescentou:

— Parece que o fulano descobrira um filão mas não tinha dinheiro para explorá-lo. Além disso, não era mais muito moço...

Irish ouvia vivamente interessada.

Clark continuou dizendo:

— Eu arranjaría o dinheiro necessário para a exploração e faría o trabalho mais pesado. Racharíamos os lucros...



— E ele temeu que não respondesse. Assim, levou o dinheiro, não? Se o viu embriagado, não é de espantar... Falavam de Clark Jackson como de uma celebridade — acrescentou, com entonação maliciosa.

— Está bem, juvenzinha. Mereço que zombem de mim...

— Não o merece. Não queria magoá-lo, pelo menos não deveria. — Respondeu ela, sinceramente arrependida .

— Está bem. Não chore agora, Sou muito sensível e ficaria comovido, sendo então capaz de qualquer asneira, como por exemplo, pedir-lhe que se casasse comigo.

— Jamais me casarei com um bêbado. O resultado é funesto.

— Então continuarei bebendo e sendo livre.

— Tome cuidado. Nem todas as mulheres são como eu. Alguma pode aproveitar-se de sua bebedeira e, quando voltar a si, já estará casado.

— Demônios! Não tinha pensado nisso!

— Não deve ficar espinhado com o que lhe fez o fulano. Vendo que não podia fazer fortuna, ele se limitou a tirar-lhe o dinheiro que tanta falta lhe fazia. Não ia ficar esperando que o senhor voltasse de boas...

— Ê um verme imundo! Não o desculpe, por favor...

— Talvez quando achar ouro lhe devolva seu dinheiro...

— Não terá oportunidade porque antes hei de meter-lhe no corpo mais chumbo do que suportar...

— Já vem o selvagem novamente! — exclamou ela. Clark levantou-se, esmagou o resto do cigarro no

chão e disse:

— Vamos mudar de assunto? Apalpou a roupa dela e anunciou:

— Já está tudo seco, menos a jaqueta... Mas agora não precisa disso. Armarei seu anteparo, você veste suas roupas e iremos ao acampamento. Já perdemos tempo demais.

— Pode seguir seu caminho, se receia não chegar a tempo de matar o homem que persegue. Estando comigo, eu não o permitirei.

— Não falemos nisso por ora. Você precisa de mim, Irish. E acho sua companhia agradável, embora se meta muito na minha vida. Esta solidão pesa um pouco.

Armou o anteparo e disse:

— Vamos, vista-se. Iremos a seu acampamento, ver se restou algo por lá. Depois aproveitaremos para percorrer alguns quilômetros antes que venha a noite.

— E se levaram meu cavalo? — perguntou ela, com expressão angustiada.

— Seriam mais capazes de assassiná-la que roubar um cavalo, muito menos em lugar tão

desértico. Sabem que iriam para a força sem alternativa...

Enquanto falavam, Clark foi atirando a roupa para Irish e depois esticou a manta para que ela tornasse a vesti-las.

Quando terminou, contemplou-a sorridente, e disse:

— Não está mal. Quem não sabe pode muito bem confundi-la com um rapaz. Que deseja ser doravante?

— Que pensariam do senhor se o vissem com um rapaz como eu?

— Certamente nada de bom. Mas se alguém atrever-se a qualquer insinuação, encontrará algo que não vai gostar.

Irish não hesitou em responder:

— Sou mulher e continuarei a sê-lo.

— Não teme que pensem mal de você, vendo-a com um sujeito como eu?

— Que pensem o que quiserem. Não matarei ninguém por isso.

— Porque é mais valente do que eu — replicou o jovem.

— Obrigada. É muito generoso — replicou ela, com certa coqueteria.

### CAPÍTULO III

Irish virou-se, graciosamente, e disse:

— Por onde e como atravessaremos? O caso não é para atirar-se a nado.

— Como imaginava vir para o lado de cá?

— Tinha meu cavalo e confiar-me-ia a ele.

— Um pouco mais acima de onde levantou o acampamento, o rio alarga-se um pouco e há um lugar vadeável por onde atravesssei.

— É mais esperto que eu — respondeu ela.

— Não tenha muita certeza. Agora, já que vamos continuar juntos, precisamos esclarecer...

— Sim?

— Você resolveu continuar como mulher e bastante linda, por certo.

— A segunda parte é por sua conta...

— Exato. É algo que salta aos olhos. Linda e atraente.

— E que tem isso?

— Vai portar-se comigo como uma mulher muito mulher?

— Que quer dizer?

— Você entendeu. Quando uma mulher quer, principalmente se é como você, pode deixar um homem louco, mesmo um mais sensato que eu. Como pretende portar-se quanto a mim?

— Alegro-me por ter falado a sério. Seremos dois amigos.

— De acordo. - Depois, acrescentou:

— Você não é mulher com quem um homem se divirta e eu não desejo perder minha liberdade. Entendidos?

— Não se preocupe, juvenzinho. Não tentarei conquistá-lo, se é isso que receia.

— É justamente o que receio. Pouco importa enfrentar três sujeitos como os que a atacaram. Mas tenho medo de uma juvenzinha como você, se enfiar na cabeça a ideia de roubar-me a liberdade.

— Não acontecerá nada disso.

— Então, em frente, amigo! — respondeu Clark. Estendeu a mão direita a Irish e ela lhe deu a sua

que desapareceu dentro da dele. Contudo, não abusou, apertando-a além do conveniente.

Montaram no magnífico cavalo de Clark, com Irish na garupa. Jackson assoviou, para esquecer que tinha muito perto de si o tentador corpo da jovem.

Irish mostrou-se correta, embora não pudesse evitar encostar-se nele algumas vezes, principalmente quando vadearam o rio.

Não fizeram nenhum comentário, ambos fingindo não perceber.

Quando chegaram ao acampamento dela, a jovem apressou-se a saltar do cavalo, e nos primeiros momentos evitou olhar para Clark.

Correu até sua sacola de viagem, vendo tudo remexido. Exclamou:

— Malditos! Levaram todo o meu dinheiro!

— Muito?

— Uns duzentos dólares! Ainda bem que deixei o resto em Monterrey, no Banco.

O cavalo pastava tranqüilamente. Contudo, o corpo do cão desaparecera, fenômeno que Irish apontou ao companheiro, muito irritada:

— Estava morto, tenho certeza! E não ficou nem sombra dele! Foi aqui mesmo que caiu.

Clark estudou o lugar e disse:

— Apagaram as marcas, habilmente.

— E para quê?

— O corpo de um cão morto a tiros denunciaria sua violência.

— E a violência que praticaram comigo?

— Essa não deixou marcas. Embora afogada, seu corpo apareceria mais tarde águas abaixo, sem qualquer sinal de violência além do afogamento...

Irish comentou pensativa:

— Compreendo. Daria a impressão de que caíra no rio.

— Justamente

— E que fariam do cão?

— Certamente o levaram consigo para enterrar. Ou colocaram-lhe uma pedra no pescoço, metendo num saco e atirando ao rio.

— Pobre "Silver", tão leal, tão bonito!...

— Sim, foi uma pena... Ratos malditos! Após uma breve pausa, Clark acrescentou:

— Estas distantes regiões estão longe do braço da Lei, embora às vezes algum representante apareça por aqui... Ou alguém que possa denunciar a violência. E aqueles vermes tomaram suas precauções para evitar qualquer aborrecimento.

Repentinamente, Irish empalideceu, expressando seus pensamentos em voz alta:

— Deixaram-me sem dinheiro! Que farei agora? Mal tenho cinco ou seis dólares num bolsinho comigo...

— Arranjar-nos-emos como for possível. Com esse dinheiro, nem mesmo poderia voltar a Monterrey.

— Mas não posso ser-lhe pesada... Seria comprometer minha independência.

— Não pense que tenho muito mais dinheiro que você, embora tenha ganhado em Sequoia. Como disse, aquele fulano me deixou limpo.

— E de que viveremos?

— Há caça e pesca. E poderei ganhar mais, Você pagará seu sustento trabalhando. Cozinhará e tomará conta de minha roupa. Não gosto de lavá-las...

— Nem eu, mas concordo. Assim, ganharei o que gastar.

— Trato feito?

— Trata feito — respondeu ela. Tornaram a apertarem-se as mãos.

— Então, recolha seus pertences e, em marcha. Agora cada um tem seu cavalo e podemos viajar comodamente.

— Sim. É melhor — assentiu ela. Depois, perguntou:

— Por que tem tanto medo do casamento?

— Nasci solteiro... A Natureza assim dispôs e ela sabe mais do que eu. Assim, não serei estúpido a ponto de corrigir o que ela fez.

— Também nasceu despido e está vestido — replicou ela

— Demônios! É verdade! Não tinha pensado nisso. Vou despir-me...

— Pare com as brincadeiras... A natureza não produz uísque e no entanto embriaga-se...

— Mas a bebedeira passa, enquanto que o casamento é para a vida toda... —Replicou Clark com ar ingênuo.

— Muito engraçadinho... - Após uma brava pausa, ela continuou.

— Não pense que quero caça-lo. Vou dizer-lhe o que sucede.

— Que tenho eu? — perguntou Clark, fingindo um cômico susto.

— Que o senhor é um covarde que tem medo de contrair responsabilidade. Isso é tudo. Vamos andando?

— Depois do banho, um balde de água fria... Paciência, irmão! .— exclamara Clark, com ar divertido.



Falou, agora com expressão resignada:

— Andando. Mas não se meta mais comigo, por favor. Não poderia suportá-lo. Confesso que sou um pouco vaidoso.

— Embora saiba dissimular, acho que te banca o vaidoso.

— Está bem. Não caia na minha pele... Para distrair-nos, fale sobre os canalhas que a atacaram...

— Não está pensando em ir a atrás deles, não?

— Nem por sombra. Mas poderíamos encontrá-los. Se a virem cheia de vida a meu lado, tentarão silenciá-la de modo pouco correto. No entanto, prefiro que continue a meter-se em rainha vida a ter o bico fechado por aquelas feras.

— Para onde estamos indo?

— Para Owens. Talvez seja a última pequena localidade antes de entrarmos no Vale da Morte.

— Acha que meu pai se teria metido no Vale da Morte?

— Não tenho nem idéia do que poderia ter feito seu ilustre progenitor. Mas o sujeito que me roubou foi para lá. Descobriram ouro em Nevada, ao norte dos "Lava Fields" e a oeste das "cidades abandonadas", num lugar que batizaram por Goldfield.

— Mar isso é muito longe!

— Não disse que iremos até lá e sim a direção que seguem agora os procuradores de ouro da Califórnia.

— Compreendo. É terrível!

— Se tem medo, dê meia volta e vá para casa! Não sei o que terá passado até agora, mas, em compensação, o que está por vir deixará os fatos anteriores como mera diversão.

— Está falando para assuntar-me. Quer livrar-se de mim!

— Não creia nisso agora falo inteiramente a sério. Como disse, a gente agradece uma companhia nesta solidão. Mais adiante, agradece-se muito mais. Também estou falando à sério.

Irish ficou impressionada com as palavras de Clark e mais ainda com sua seriedade em exprimir-se.

\* \* \*

Chegaram há Owens dois dias mais tarde.

Naqueles dois dias de marcha não tinham encontrado um único ser humano, embora na distância divisassem algumas granjas isoladas e também alguns pequenos ranchos.

Em certa ocasião avistaram, muito longe, alguns homens à beira de um bosque, derrubando árvores.

Na realidade não chegaram a ver os homens devido à enorme distância, mas imaginaram sua existência, vendo cair gigantescas sequoias e pinheiros.

Clark apontou:

— Até aqui ainda não encontramos o homem, embora tenhamos à vista provas de sua existência. Provavelmente, daqui a alguns quilômetros, nem isso encontraremos.

— Estou apavorada...

Apesar da pequenez de Owens, existiam dois hotéis na localidade. Um, cujo aspecto não era muito recomendável e outro, francamente acolhedor.

Clark preferiu este último.

Irish assustou-se, dizendo:

— Como iremos para lá? Será caríssimo! Ficaremos sem um único dólar, isso se tivermos o suficiente para pagar...

— Não vai querer que fiquemos naquela lata de lixo onde nem um rato com alguma dignidade gostaria de alojar-se...

— Podemos ficar ao ar livre, nas redondezas...

— Nem fale nisso, menina. Nas regiões que atravessamos, não seria perigoso, mas aqui...

— Está bem...

Clark pediu dois quartos, um vizinho ao outro, dos mais modestos que tivessem.

Os dois jovens faziam-se passar por irmãos.

Jantaram bem e, uma vez terminada a refeição Clark aconselhou a Irish:

— O mais indicado é que você se tranque em seu quarto, fechando a porta por dentro e durma.

— E você? Não vai dormir?

— Precisamos de dinheiro e vou ver se ganho algum ...

— Dinheiro no deserto?

— No deserto, não; mas precisamos comprar dois burros de carga. — E carga para os dois burros — acrescentou, brincalhão.

— Mas disse que viveríamos principalmente de caça e pesca — argumentou ela.

— E enquanto houve caça e pesca, passamos quase que exclusivamente disso; entretanto, diga adeus a essas coisas, juvenzinha. Vamos entrar no deserto — falou Clark, significativamente, destacando bem as sílabas.

— Oh, como sou tonta! Pensei que teria dificuldades em reunir-me a meu pai, mas não julguei que fossem tantas!

— Está bem. Enganou-se. Vou atrás do dinheiro que precisamos. Pense bem esta noite, antes de tentar a aventura. Se ficar com medo, dou-lhe dinheiro para voltar...

— Não tenho medo!

— De acordo. Meta isto em sua linda cabecinha. Uma vez afastado de Owens por mais de trinta quilômetros, nem você nem ninguém farão com que volte atrás. Entendido? Não quero surpresas...

Acompanhou-a até seu quarto e despediram-se na porta.

— Agora seja boazinha, tranque-se por dentro e durma como mandei. Temos dias muito duros à nossa frente...

— Mas eu queria saber se meu pai passou por aqui...

— Só partiremos depois de amanhã. Amanhã então terá tempo de sobra para fazer quantas perguntas quiser. Boa noite.

Obrigou-a a entrar no quarto e só saiu dali depois que sua companheira de viagem deu a volta à chave.

Uma vez fora do hotel, procurou Informar-se sobre o lugar em que o jogo era mais forte.

Meia hora depois ganhara mais de duzentos dólares; um dos jogadores, um granjeiro, deixou seu lugar e foi substituído imediatamente por um madeireiro.

Clark continuou ganhando e gostaria de deixar o jogo juntamente com outro participante que saía, após perder tudo.

Contudo, o jovem sentiu que não seria bem visto se deixasse a partida quando ganhava. Já tinha quase seiscentos dólares e resolveu ficar.

A medida que perdiam, os jogadores iam saindo e seus substitutos não eram do agrado de Clark, mas mesmo assim chegou a ganhar mais de mil e quinhentos dólares.

Escolheu um momento para deixar o jogo, quando todos que estavam em torno da mesa ganhavam.

Um deles comentou em tom zombeteiro:

— Parece que o forasteiro está com medo.

Clark limitou-se a responder:

— Tenho menos medo que você. Acontece que preciso descansar...

— Terá tempo para isso. Com o que ganhou, não precisará ir ao trabalho amanhã.

— Está bem. Fico.

Consultou o relógio e esclareceu:

— Às cinco, ganhe ,ou perca, queiram ou não os senhores ou quem estiver jogando, vou retirar-me.

O que falara deu de ombros, dizendo:

— De acordo. Daqui até lá terá tempo de perder tudo o que amontoou.

Da primitiva partida restavam apenas ele e mais outro homem que estava mais ou menos bem, ganhando perto de quinhentos dólares.

O que falara a Clark em tom de desafio parecia muito amigo de outros dois participantes, um dos quais fora o último a entrar.

O jovem notou um certo entendimento entre eles. Perdeu duas vezes seguidas e percebeu que os três cúmplices trapaceavam, principalmente o que o desafiara.

O que restava da primitiva partida, o madeireiro, começou a perder, apesar de jogar cautelosamente.

O mesmo acontecia com o outro, tendo chegado a amontoar uma bela quantia: quase dois mil dólares.

Enquanto isso, os três cúmplices iam aumentando seus lucros.

Cada vez observando-os mais atentamente, Clark lembrou-se da descrição que Irish lhe fizera dos três indivíduos que a tinham assaltado.

O dos dois mil dólares, verificando que seus lucros ficaram reduzidos a mil e duzentos, levantou-se, dizendo:

— Lamento, cavalheiros, mas vou retirar-me. Tenho o tempo suficiente para chegar à granja e tratar dos animais.

O mais decidido dos três cúmplices respondeu em tom pouco amável:

— Não se pode admitir que um homem ganhando bastante se retire antes de terminada a partida.

— Os senhores não perdem. Os outros, sim. Não vejo por que devo ficar.

— Concordamos em que a partida seria até as cinco.

Clark interveio:

— Não se fixou o final. Apenas indiquei que às cinco deixaria o jogo, ganhando ou perdendo. O senhor pode levantar-se e sair quando quiser. Os senhores não estão perdendo, logo, não têm o direito de retê-lo.

O granjeiro ia recolher seu dinheiro, mas o canalha avisou, em tom ameaçador:

— Não toque nesse dinheiro. Pode ir, se quiser, mas isso vai ficar aí. Será dividido entre os que terminarem a partida.

— Recuso tal coisa — afirmou Clark. — O senhor pode ir, levando seu dinheiro quando achar melhor.

Vendo que seus lucros também diminuían, o madeireiro apoiou o granjeiro, dizendo:

— Claro que pode sair quando quiser e os senhores não têm o direito de protestar. Também vou sair...

Um dos indivíduos que falara apenas o suficiente para que o jogo seguisse, afastou-se ligeiramente para poder mover as mãos em direção às armas com mais facilidade.

Clark observou que seu rosto mostrava sinais de violência. Imaginou se não seria ele o que recebera a pedrada de Irish.

O canalha, embora falando com certa dificuldade, afirmou:

— Não irão! E se forem, primeiro deixarão o dinheiro aqui!

Clark sorriu, com expressão divertida. Estava preparado para agir desde uns dois minutos antes. Receava apenas pelo madeireiro e pelo granjeiro.

Dirigiu-se ao, que falava:



— Demônios! Mal se ouviu sua voz desde que começou a jogar, mas quando a gente a ouve, não é nada agradável.

— Não vim cantar e sim jogar — replicou o sujeito.

— Mas o que procuram não é precisamente jogar e sim algo pior...

Havia pouca gente na sala de jogo e os que ali estavam calaram-se repentinamente, ouvindo Clark. O jovem continuou.

— ... e isso tem seus inconvenientes. Nem sempre deparamos com um rapaz que apenas tem forças para atirar uma pedra.

Os três cúmplices entreolharam-se, surpreendidos, enquanto por suas mentes passava apenas uma ideia: matar. Era preciso matar Clark.

Naquele momento, Irish apareceu à porta do estabelecimento e gritou:

— Cuidado, Clark! Foram esses três sujeitos que tentaram liquidar-me!

## CAPÍTULO IV

Os curiosos que os observavam, pularam rapidamente para esquivar-se ao chumbo que não demoraria.

O granjeiro e o madeireiro não ousaram mover-se uma polegada e muito menos tocar o dinheiro na mesa à sua frente.

Os três bandidos foram às armas como raios. Dois deles inclinaram-se, erguendo o corpo ligeiramente, enquanto o terceiro se deixava cair de costas para fugir ao chumbo e atirar do solo.

Clark puxou seu revólver com impressionante rapidez e iniciou uma demolidora ação, soltando balas para todos os lados, ajudando-se com a outra mão para conseguir mais velocidade de tiro.

O primeiro a cair foi o da pedrada, justamente o que se tinha lançado para trás. Recebeu uma bala entre as sobrelhas.

Enviou duas "pílulas" para outro, na altura do estômago, e o sujeito foi violentamente atirado para trás. O terceiro, já prestes a dar ao gatilho, teve a mão destroçada. Sua arma caiu ao chão, com o cano aberto pelo impacto.

Tudo aconteceu tão depressa, que o granjeiro e o madeireiro nem sequer tiveram tempo de dar um passo.

O verme que restava era precisamente o que tinha ares de chefe do grupo.

Vendo-se desarmado, após receber a ferroadada do chumbo nas carnes, balançou a mão e depois vomitou uma série de pragas dirigidas ao jovem.

De repente, tentou sacar a outra arma, mas Clark tornou a atirar, arrancando-lhe o revólver com o coldre. O homem estremeceu e saltou.

Em seguida, Clark acrescentou:

— Cuidado, verme. Outro movimento e estará pronto para a cova.

Em seguida, dirigiu-se para o madeireiro e o granjeiro:

— Recolham seu dinheiro em paz... Na realidade, deveriam apanhar mais algum. Esses sujeitos estiveram trapaceando e por isso ganharam ultimamente. Se os senhores não se tivessem levantado, logo descobririam a sujeira que faziam...

Um ameaçador murmúrio elevou-se dentre os espectadores.

O que ficava em pé declarou:

— É muito fácil falar quando ninguém nos pode responder...

— Cale-se, verme! Quando falo, sei o que estou dizendo!

Clark apontou o que recebera a pedrada de Irish e disse:

— Procurem na manga esquerda desse sujeito e vejam como ia escondendo as cartas nela, para soltá-las no momento devido...

O madeireiro inclinou-se, realizando a operação de maneira que todos pudessem ver perfeitamente e exibiu-lhes duas cartas do mesmo naipe.

— Aí estão — disse.

Clark dirigiu-se ao trapaceiro, perguntando:

— Eu falava apenas por falar, hein?

O sujeito não replicou e sustentou cinicamente o olhar do jovem.

Clark dirigiu-se a Irish:

— Já que veio, entre, menina. Embora seu lugar fosse na cama...

A jovem adiantou-se. Apesar de vestir a mesma roupa que quando se fazia passar por rapaz, sua qualidade de mulher saltava aos olhos, ao desfazer-se do martirizante corpete.

Parou junto a Clark.

— Foi esse um dos sujeitos que a atacaram?

— Esse e os outros dois que caíram. Mal apareci à porta, logo os reconheci e por isso avisei-o.

Apontou para o que escondera as cartas disse:

— Foi nesse que atirei a pedra. Seu rosto ainda tem as marcas.

— Foi por isso que os descobri. Isso e perceber que trapaceavam. Assim, preparei-me para agir. - Em seguida, pediu:

— Conte o sucedido para que conheçam o tipo de vermes que são.

Um homem adiantou-se:

— Não precisam preocupar-se com isso. Todos pertencem ao bando de Duff Driscoll...

— Pertenciam — corrigiu Clark. — Porque este sujeito não tem o direito de continuar vivo. Apesar disso, Irish, você deve contar o sucedido.

A jovem fez seu relato de modo resumido. Quando terminou, Clark dirigiu-se ao bandido:

— Entendeu? Será capaz de negá-lo?

O homem encolheu os ombros, desdenhosamente, dizendo:

— Acho que nem vale a pena...

— Quanto dinheiro roubaram de você? — perguntou Clark.

— Não foi um roubo — interveio o bandido. — Apenas um empréstimo e depois seria devolvido. Duzentos dólares.

— Que fizeram com o cão?

— Foi enterrado. A pele valia a pena ser conservada, mas era perder tempo demais — replicou o homem, cinicamente.

— Valorize você mesmo o cão, canalha.

O sujeito deu de ombros e disse:

— Valeria uns cinqüenta dólares...

— Roubaram-lhe algo mais? — perguntou Clark à jovem.

Assustada, ela respondeu:

— Não, nada. Apenas estragaram algumas coisas, ao revolver minha sacola de viagem. Mas não vale a pena.

— Coloque mais dez dólares. Precisamos ser generosos com as moças, principalmente se são bonitas — adiantou-se o bandido.

Sem deixar de apontar-lhe a arma, Clark separou ao todo duzentos e sessenta dólares, entregando-os a Irish.

— Vamos, pegue, são seus... Sobre a mesa ainda resta dinheiro suficiente para o enterro e até para comprar-se uma lápide de mármore para cada um.

Clark dirigiu-se aos presentes, perguntando:

— Que costumam fazer aqui com esse tipo de gentalha?

Os interrogados entreolharam-se e ninguém respondeu.

— Será que não os enforcam? — perguntou o jovem. O sobrevivente dos vermes sorriu, com arrogância. Um homem respondeu:

— Sim, são linchados. Mas estes aí são do bando de Driscoll e se os tocarmos, arrasariam as nossas casas.

— Ora, raios para Driscoll! Veremos se se atreve comigo. Terá que correr um pouco...

O bandido, tendo-se mantido até então muito seguro de si, empalideceu ligeiramente e perguntou em seguida:

— Pretenderá assassinar-me?

— Não, nada disso. É algo de que não gosto, mas também não vou deixá-lo para semente. Já existem vermes demais para que você nos traga mais ao mundo...

Após uma breve pausa, perguntou-lhe:

— Onde prefere morrer? Aqui dentro, bem abrigado, ou lá fora, com seus cúmplices?

— De qualquer modo seria um assassinato...

— Nada disso. Tem uma mão ilesa, a esquerda e lutará com ela. Conservarei um só revólver: o da esquerda. Igualdade de condições.

Alguém murmurou:

— Eu não daria tal oportunidade a um bandido.

— Pois eu dou — respondeu Clark. Disse à jovem:

— Irish, vire-se de costas. Terminaremos em seguida. Entregue seu cinturão-cartucheira a esse ordinário. Que o afivelem na cintura e quando estiver pronto, dou-lhe um de meus revólveres.

Foi tudo feito como o jovem indicara. Depois, colocou pessoalmente o revólver correspondente à sua direita, no coldre esquerdo do bandido.

Afastou-se uns cinco metros e meteu sua arma no coldre, dizendo:

— Não é possível falhar a essa distância. Estamos iguais... Quando quiser, pode atirar.

Os curiosos separaram-se, deixando o campo livre para os dois homens.

O bandido inclinou-se ligeiramente, adotando uma clara posição de luta, enquanto estudava um modo de enganar Clark, a quem não podia superar em rapidez.

Os segundos foram passando lentamente.

Clark animou o bandido:

— Vamos. Aproveite a vantagem de poder sacar primeiro.

O verme engoliu em seco, uma careta de dor apareceu-lhe no rosto e disse em seguida:

— Não posso! Estou muito ferido, será que não vê? Ao falar, estendia a mão direita ainda pingando sangue, sacudindo-a levemente para salpicar e distrair Clark.

Mal terminara de falar, pulou de lado e sacou a arma com invejável rapidez, enquanto seu rosto exibia um ar triunfal, ao perceber que conseguira empunhar antes de Clark.

O jovem inclinou-se de leve para o lado esquerdo e puxou o revólver. Atirou sem terminar de tirá-lo do coldre.

Ouviu-se apenas seu disparo, cujo chumbo atingiu o outro no meio das sobrancelhas.

O bandido estremeceu ao choque, dobrou-se para diante, deixou cair a arma, e seu sangue tingiu o assoalho de madeira.



O jovem recuperou sua arma, friamente, devolvendo o cinturão-cartucheira a Irish.

Em seguida, recolheu da mesa o dinheiro que sobrara.

— Isso fica aí. Suponho que haja de sobra para o enterro dos três. Também dará para pagar a quem enterrá-los.

— Claro que dá! — respondeu alguém, com ar jubiloso.

Um homem alto, magro, inteiramente vestido de negro, com chapéu coco e óculos de aros de ouro, aproximou-se depressa.

Tentou apoderar-se do dinheiro que ficara sobre a mesa, mas o dono do estabelecimento opôs-se, dizendo: — Alto lá, Carlson!... Faça seu trabalho e depois diga o preço que lhe será pago sem regateios. O que sobrar será dividido entre os que perderam, posto que esses bandidos trapacearam... Bem, fora o que me corresponde.

— Está bem! — exclamou o coveiro. — Não está mais aqui quem falou! Diga que tipo de enterro quer para eles.

— Como não foram decentes, que tenham um enterro qualquer.

Antes de sair, Clark declarou:

— Se Duff Driscoll ficar irritado com o que houve, digam-lhe que me procure. Chamo-me Clark Jackson... Bons dias... Já é dia, não?

Alguém murmurou:

— Não há dúvida de que ele o procurará. O pior é que não irá só.

— Sempre foi um covarde ordinário e não é agora que deixaria de sê-lo.

Clark virou-se para Irish:

— Vamos, pequena. Terminou a festa e preciso dormir.

Tomou-lhe o braço e saíram à rua. O dia começava a despontar.

— Foi horrível! — exclamou ela.

— Foi formidável. Você recuperou seu dinheiro e não depende mais de mim financeiramente. Agora é que poderemos ser verdadeiros camaradas...

— Sempre serei sua devedora.

— Não pense nisto. Pense também que, doravante, podem acontecer coisas muito mais terríveis...

— Isso é o pior! O tal Duff Driscoll quererá vingar-se.

— Pior para ele, porque não consentirei nisso.

— Você é um bom lutador, Clark, mas não me queira impingir que pode enfrentar sozinho toda uma quadrilha...

— Já o fiz em outras ocasiões e venci.

— Não lhe servirei de muito e, por favor, não seja tão fanfarrão! Não posso suportá-lo.

— Freie esses nervos, camarada... Por que me desobedeceu? Deveria estar dormindo.

— Descansei, mas não consegui dormir. Não o ouvia chegar e receei que lhe tivesse acontecido algo...

— Ou talvez estivesse bêbedo como em Tulare, não?

— Não sei como estive lá, mas pensei isso sim. Pensei que bem poderia estar bêbedo e com uma dessas repugnantes mulheres que se aproximam de homens como você — replicou ela, começando a ficar irritada.

— De qualquer modo, camarada, não devia desobedecer-me. Tudo saiu bem, mas podia ter acontecido o contrário. No momento em que entrou e avisou-me, poderia ter-me distraído um pouco e, diante de vermes como esses, perder um quarto de segundo às vezes é mortal.

Irish compreendeu que ele tinha razão e respondeu humildemente:

— Lamento. Procurarei não tornar a fazer isso. Mas pense que dependo de você... Quando estava sozinha, sabia que devia contar apenas comigo, mas agora...

— Reconheço que também tem sua razão. Mas falei-lhe que precisava de dinheiro. Agora temos o suficiente para seguir...

— Sim. Em meio de tudo, será formidável se conseguirmos despistar Driscoll.

— É melhor não tornar a pensar nisso — respondeu o jovem.

• • \*

Quando horas mais tarde Clark acordou, a hora do almoço já tinha passado.

Apressou-se em vestir-se e foi ao encontro de Irish; a jovem comprara roupas novas, também de corte masculino, mas com enfeites nos quais assomava a vaidade feminina.

— Muito bem camarada! — cumprimentou Clark. — Parece que andamos fazendo compras...

— Apenas o necessário. Dizem que pela noite faz um frio infernal no deserto.

— Exato. Eu mesmo pretendia avisá-la.

— Tive notícias de meu pai! Passou por aqui!

— Folgo em sabê-lo. Mas, sabem para onde foi?

— Disseram-me mais ou menos em que lugar encontraram ouro. Chamam-no de "Vale do Diabo".

— Nossa! Pois vou justamente para lá! Bem, agora comprarei mantimentos, dois burros de carga e os utensílios necessários. Vai acompanhar-me?

Irish sorriu, envaidecida:

— Naturalmente! Não é comum, entre camaradas?

Uma vez na rua, ela propôs:

— Por que não deixa o sujeito que o roubou para lá e vem para onde vou? Imagino que lá haverá para todos.

— Primeiro tenho que matar aquele canalha. Depois, veremos.

— Se matá-lo, não olharei mais para sua cara.

— De acordo...

— Sabe se ele passou por aqui? — perguntou Irish.

— Não me dou ao incômodo de perguntar. Sei que irei encontrá-lo lá. Sei onde está localizada a mina de que falou.

O rosto da jovem ficou sombrio. Perguntou:

— Como é o nome de seu homem, Clark?

— Sammy. Sammy King. Por que? Ouviu falar dele?

— Não. Ouvi falarem apenas de meu pai. Estava sozinho e seu sobrenome é Wells, exatamente igual ao meu — disse ela.

Irish sorriu, mas seu sorriso saiu forçado. Entretido a observar alguns animais que estavam à venda, Clark não o notou.

A linda loura perguntou algum tempo depois:

— Como é o sujeito, Clark?

— Oh, ao vê-lo, ninguém pensa que é um maldito ladrão. Parece a personificação da decência. Conseguiu enganar-me lindamente! Mas pagará bem caro!

— Por que não o descreve? Sim, porque posso encontrá-lo alguma vez na vida e desconfiarei dele...

— Já lhe disse que seu nome é Sammy King.

— Poderia tê-lo trocado. Se for tão ordinário como diz...

— Tem razão, camarada. Está progredindo, hem?

O jovem fez uma rápida descrição de Sammy King.

Tinha chegado até os animais à venda e Clark aproximou-se de seu proprietário, disposto a comprá-los. Se não fosse isso, poderia perceber que Irish empalidecera intensamente e que sua expressão era estranha; quase agressiva.

## CAPÍTULO V

Terminaram suas compras pelo meio da tarde e, antes do jantar Clark já deixara tudo disposto para que no dia seguinte, tão logo amanhecesse só tivessem que carregar os animais e iniciar a viagem.

Antes da refeição, desculpou-se com Irish e foi divertir-se um pouco, dançar e beber num "saloon".

Achou estranho que ela não o recriminasse, embora não lhe tivesse dito onde ia.

Reuniram-se para o jantar.

Irish estava séria quase triste. Clark atribuiu o fato à sua escapulida antes do jantar.

Depois de comerem, deixou-a em seu quarto e entrou no que lhe fera reservado.

Uma vez lá dentro, tirou os sapatos sem fazer ruído, saiu e fechou a porta cautelosamente, contendo até a respiração, como se com isso pudesse evitar que a chave fizesse barulho.

Divertiu-se, dançando e bebendo, embora procurasse não se embriagar. Saiu pouco depois da uma também fazendo o possível para evitar ruído durante a volta.

Deitou-se, extenuado, mas confiava em seu hábito de madrugar e que geralmente acordava na hora que fixara na véspera.

Contudo quando acordou o sol começava a entrar pela fresta da janela que deixara deliberadamente aberta.

Pulou rapidamente na cama, pensando que Irish já deveria estar à sua espera, com tudo preparado.

— Falei-lhe que me chamasse. Esta jovem, em certas ocasiões, peca por excesso de prudência... Talvez percebesse que saí ontem à noite e está irritada. Também poderia julgar que era melhor deixar-me descansar o mais possível...

Lavou-se e vestiu-se rapidamente. Em seguida olhou-se ao espelho para ver se as diversões daquela noite tinham deixado marcas em seu rosto.

— Nada. Estou muito bem, como se tivesse dormido sete horas...

Consultou então o relógio e deu um salto:

— Demônios! Dormi mesmo sete horas! Ela já deveria estar aborrecida de tanto esperar! Combinamos sair de cinco e meia às seis e são... nove! Sim, sim! Desta não escapo!

Terminou de arrumar-se e saiu do quarto apressadamente.

Nem precisou entrar no que Irish ocupara. Estava aberto e as duas mulatas que serviam o refeitório estavam a arrumá-lo.

— Isso significa que ela já saiu.

Tinham pago a conta na noite anterior e não era de estranhar.



Quando chegou embaixo, procurou Irish, em vão.

— Nada! Onde se teria metido? Certamente foi até onde tinham deixado os animais... Deve estar desesperada, e com razão!

Procurou desculpar-se, dizendo, para si mesmo:

— Embora parte da culpa seja sua, por não chamar-me...

Aproximou-se do balcão do hotel para despedir-se. Antes que abrisse a boca, o empregado informou:

— A senhorita deixou isto para o senhor. Entregou-lhe um envelope.

Antes de abri-lo, despediu-se do empregado com uma gorjeta.

Uma vez na rua, rasgou o envelope, apanhou uma folha dobrada em duas e leu:

"O senhor continua sendo o mesmo... Divirta-se, já que tanto gosta disso. Não deixe os divertimentos por mim. Aproveite bem o uísque e esse tipo de mulheres que foi feito à sua medida. Se tornarmos a ver-nos, prefiro que passe de longe, como se não me conhecesse. Apesar disso, muito obrigada por tudo. Não esquecerei que lhe devo a vida e o poder continuar minha viagem. Desejo-lhe muita sorte. — Irish Wells."

— Demônios! — exclamou.

Guardou a folha de papel no envelope e este no bolso. Caminhou rapidamente em direção ao local em que ficaram os animais de carga.

— Desde que não tenha saído como Sammy King, levando o que não é seu...!

Quando chegou ao estábulo, percebeu imediatamente que os dois animais estavam ali e tudo que tinham comprado. Ele pagara a despesa e tinham combinado depois dividi-la entre si, uma vez em caminho.

Em vez de alegrar-se ao ver que ela nada levara de seu, ficou um tanto envergonhado e deprimido.

Exclamou:

— Será que enlouqueceu? Terá ido sem nada?

O homem que guardava o estábulo aproximou-se dele.

— Se se refere à louca que estava ontem em sua companhia, devo dizer que ela voltou mais tarde, trouxe um animal que tinha comprado e outras coisas. Foi o que levou esta manhã.

Clark consultou o relógio que já marcava mais de nove horas. Precisamente, nove horas e vinte minutos.

— Eu não estava de guarda nessa hora. Soube por meu companheiro a quem substituí lá pelas quatro e meia.

— Muito bem. Cinco horas de dianteira não é muita coisa... Hei de alcançá-la.

— Olhe, forasteiro. Seu cavalo é melhor que o dela, isto é, o de sela. Mas o animal de carga que ela comprou é muito melhor e não está tão carregado como os seus...

Clark deu um dólar ao homem, dizendo-lhe:

— Obrigado, amigo. Acontece que sei caminhar em linha reta. Bastará seguir-lhe o rastro. No mais tardar, devo alcançá-la amanhã...

O homem deu de ombros, e declarou num tom de homem que sabe tudo:

— Cuidado com o inimigo que foge. E uma mulher é o inimigo natural do homem. Fica-se bem ao lado delas apenas alguns momentos... E se esses momentos são muito caros, é melhor nunca estar com elas.

— Ninguém que tenha na cabeça algo mais que cabelos e chapéu discutiria isso, amigo. Mas devemos reconhecer que são formidáveis e isso tem muita força.

O do estábulo suspirou ruidosamente e respondeu:

— Tem razão, irmão. O pior é que a gente vai ficando velho e elas nem nos olham mais...

Não se passaram nem cinco minutos quando Clark empreendeu sua viagem.

Sem precisar perguntar, o homem do estábulo esclareceu:

— Segundo meu companheiro, ela tomou aquela direção. Talvez seja mais conveniente seguir suas pegadas desde o primeiro instante.

— É quase certo que já estarão apagadas. Muita gente passou por ali nessas cinco horas...

— Eu não diria isso, mas certamente já estarão um tanto confusas... O senhor tem razão. Seguir os rastros não serve.

» \* o

Foi somente a quase sessenta quilômetros de Owens que Clark encontrou pegadas dos animais de Irish.

Ela já penetrara na zona desértica, onde era difícil passar gente e onde o vento arrastava a areia de um lado para outro, logo desmanchando os sinais de pisadas.

— Estava com pressa! Tem-me pelo menos três horas de dianteira... Nenhuma mulher deixa de ser um pouco louca.

Em vez de seguir sobre a trilha deixada pelos animais a qual formava uma linha ligeiramente curva, Clark obrigou seu cavalo a caminhar em linha reta, ansioso por encurtar a distância que os separava.

Fizera durante o dia as paradas necessárias e finalmente o crepúsculo desceu sobre ele, rápido, não tardando a anoitecer e ele se viu obrigado a desmontar para repousar.

— Talvez fossem os ciúmes — falou para si mesmo. Tornou a reler o bilhete que ela deixara e decidiu:

— É. Foram os ciúmes que a obrigaram a partir. Fez o melhor. O contrário seria complicado demais...

Pensou então como estaria ela sozinha.

— Ouvirá o uivo das feras, terá medo... Preciso encontrá-la o quanto antes...

Com tal resolução, começou a caminhar, levando o cavalo pelas rédeas e seguidos pelos animais de carga.

Começava a fazer frio e achou melhor ir a pé para esquentar-se mais.

Para não perder-se, procurou os rastros deixados pelos animais de Irish e os seguiu.

Caminhou assim duas horas, até encontrar uma crosta de terra endurecida. Contudo, ao voltar ao terreno arenoso onde suas botas enterravam-se até os tornozelos, foi obrigado a desistir.

— Que saiba o que é passar uma noite sozinha, no meio do deserto! Assim perderá um pouco desse ardor aventureiro e aprenderá a viver!

Apesar de suas palavras, não se sentia tranquilo, pensando nela sem cessar. Prosseguiu em frente, até encontrar um lugar oportuno para levantar seu acampamento.

— Em todo caso, não pode estar muito longe, mas também não vou transformar-me em sua ama seca.

Começou a descarregar os burros e depois desencilhou o cavalo.

Preocupou-se antes de tudo com alimento para os animais e racionou-lhes a água.

Cobriu-os com mantas já que o frio mostrava-se ainda mais cruel e finalmente ocupou-se de si mesmo. Acendeu uma pequena fogueira ao abrigo de umas rochas, aproveitando alguns ramos secos que encontrou.

Tornou a pensar em Irish:

— Estúpida! Não deve estar passando nada bem!

Ao pensar em Irish, por uma associação de idéias, recordou os três sujeitos que a tinham atacado às margens do Kern River. Em seguida desfilou por sua mente o filme do que acontecera em Owens, quando matou os três trapaceiros.

— Duff Driscoll — murmurou pouco depois.  
— É um sujeito com quem devo contar. Ela também podia ter pensado nisso...

\* • «

Driscoll e quatro de seus homens localizaram os rastros deixados pelos animais de Jackson, muito antes do cair da noite.

Os cinco homens marchavam silenciosos e taciturnos.

Cavalgavam com certo desafogo, pois não tinham animais de carga, conheciam os lugares onde encontrar água ou sombra e seu objetivo era apenas esperar que Clark levantasse seu acampamento e adormecesse.

Ficaram irritados com o fato de o jovem prolongar tanto sua marcha, mas nenhum deles ousou fazer qualquer comentário, percebendo a expressão iracunda do chefe.

Quando afinal Clark ergueu seu pouso, eles também fizeram o mesmo.

O único que comentou qualquer coisa foi Driscoll:

— Assim o pilharemos mais cansado e será fácil surpreendê-lo. Parece que está interessado em alcançar a garota.

De onde estavam, Driscoll pôde ver Clark e seus animais, usando binóculos. Viu também quando acendia a fogueira.

— Não há dúvida. Resolveu parar. — Dirigiu-se a um dos homens:

— Arranje algo de comer e beber. Tenho fome e sede.

Um dos bandidos disse, com expressão sombria:

— Comerei e beberei porque é preciso. Mas só tenho vontade de dar um belo recheio de chumbo naquele fulano. Deixe-o para mim, chefe.

— Está bem. Atirará em primeiro lugar, embora todos estejamos preparados — prometeu Duff.

Depois acrescentou:

— É esse o inconveniente de irmãos andarem juntos. Na guerra ou no nosso, que é uma espécie

de guerra, mas por conta própria — ironizou Driscoll.

— Mesmo que meu irmão não tivesse caído, eu gostaria de ir ao encontro do sujeito para vingar os outros — disse o verme.

— De acordo — declarou Driscoll. — Nós também, imediatamente, pensamos em vingá-los. Mas iremos friamente, sem perder os nervos, o que você também deve fazer, para evitar um contratempo. Não pense apenas que vai vingar seu irmão.

O verme conhecia Driscoll de sobra, sabendo que era melhor guardar silêncio. Calou-se, comendo de má vontade e bebendo a gosto uma dose de uísque estendida por um companheiro.

Não tinham pressa e conversavam sobre temas indiferentes. Driscoll assomava de vez em quando e observava o acampamento de Clark.

— Agora está comendo junto a uma pequena fogueira. Avisto o reflexo das chamas, pois o homem a deixou oculta... Logo irá dormir e então será a nossa vez...

Apesar do frio, Driscoll não permitiu que se fizesse café ou qualquer alimento à base do fogo.

— Estão com frio; bebam mais uísque e enrolem-se nas mantas.

— Mas, chefe, se acendermos fogo aqui, não poderá ser visto por ele.

— O fogo não se verá, mas pode descobrir o resplendor das chamas. Ou então a fumaça...



— Ver fumaça, de noite? Nós não vimos a dele e, no entanto, estamos atentos.

— Pois eu vi — cortou Driscoll. — Além disso, o ar está contra nós e levaria seu odor até ele.

Após uma curta pausa, tornou a dizer:

— Não se fala mais nisso. Quero pegá-lo desprevenido. Com os três que tombaram em Owens, creio que já é suficiente.

Os bandidos deixaram de falar, submetendo-se à vontade de seu chefe.

Driscoll esperou duas horas, pacientemente, ao cabo das quais, após observar o acampamento de Clark, com atenção, deu instruções a seus homens e concluiu, dirigindo-se ao indivíduo cujo irmão fora morto em Owens:

— Quando eu levantar a mão, você atira em primeiro lugar. Os outros atirarão imediatamente depois. Não quero surpresas.

Tornaram a beber para esquentar-se e pouco depois iniciavam a marcha, enquanto dois deles se adiantavam para cortar a retirada a Clark, caso este suspeitasse de algo e tentasse escapar-lhes.

Marchavam sem pressa, em silêncio, como homens habituados a espreitar seus semelhantes.

Driscoll sorriu com expressão cruel, quando Clark ficou cercado. Seus homens se tinham movido como sombras e do acampamento não partira o menor indício de alarme, nem mesmo entre os animais.

Os cinco homens foram apertando o círculo quase completo que tinham formado, até que chegaram a dominar o lugar em que o jovem dormia.

Este cobrira o rosto com o chapéu e tinha tirado as botas, deixando-as ao alcance das mãos.

Julgaram perceber que o vulto formado pelo corpo, movia-se ligeiramente, ao compasso da respiração do homem.

Os cinco bandidos alinharam as armas em direção ao adormecido. O que devia atirar primeiro pousou o indicador direito sobre o gatilho, ansioso por acioná-lo. Seu olhar resumava ódio e crueldade.

Sem afastar os olhos do vulto formado pelo corpo de Clark, Driscoll começou a erguer a mão lentamente, divertindo-se em desenhar o sinal que serviria para que o corpo fosse materialmente crivado de projéteis.

## CAPÍTULO VI

Driscoll sobressaltou-se repentinamente e sua mão parou.

Percebera, fora do círculo formado por seus homens, muito perto e à sua direita, um ruído levíssimo, produzido por uma arma roçando contra uma rocha.

Em seguida ouviram a voz de Clark, interpelando com expressão friamente zombeteira:

— Não imaginaram que importunariam meu sono se atirassem?

Um canhão que explodisse no meio deles não produziria o mesmo efeito da desdenhosa voz do homem a quem julgavam adormecido, um fácil objetivo para suas armas.

Houve um instante de tenso silêncio. Algo muito breve, mas que devia parecer eterno na vida daqueles homens que estavam à mercê de uma arma, cuja exata posição desconheciam.

O bandido que deveria atirar primeiro, perdeu os nervos e desviou sua arma para disparar, pelo cálculo, sobre o lugar em que estava Clark, muito bem entrincheirado.

Foi inútil o grito de Driscoll:

— Quietos!

O sujeito foi o primeiro a atirar. O jovem sentiu uma bala que zunia sinistramente perto de seu corpo.

Ato contínuo, o "cospe-chumbo" de Jackson desencadeou um verdadeiro temporal de fogo e chumbo, varrendo três dos bandidos, entre eles o primeiro a atirar. Este executou uma trágica pirueta, para em seguida rolar pela areia.

Dois outros projéteis zumbiram a curta distância do jovem, enquanto um novo balaço ricocheteava na rocha que o cobria.

Precisou trocar de arma, após esgotar a munição da primeira e continuou atirando, com a mesma incrível rapidez.

Atingido, Driscoll deu uma reviravolta, caindo ao chão, onde continuou rolando espalhafatosamente.

Outro bandido tombou, com dois balaços na perna.

Ferido sem gravidade, Driscoll podia deslocar-se com facilidade e dirigiu-se ao cúmplice, também atingido:

— Para trás! Vou cobri-lo com meu fogo!

— Impossível chefe! Estou muito ferido! Vamos dar o fora!

Clark tornou a atirar contra Driscoll, mas este conseguira sair de sua zona de fogo.

O bandido ferido na perna abriu fogo contra Clark, obrigando-o a girar para sair de seu raio de ação.

Aquilo permitiu que Driscoll se aproximasse do ponto em que deixara seu cavalo.

Jackson divisou-o um instante e tornou a atirar contra ele, tornando a atingi-lo, embora também com pouca gravidade.

O jovem precisou deixá-lo para enfrentar o outro tipo que mudara de posição, conseguindo um ângulo mais favorável de onde seria fácil alcançá-lo, apenas com um pouco de sorte.

O ferido atirou sem pressa, firmando pontaria, sem dar tempo ao adversário para assomar.

O jovem percebeu várias vezes que a areia levantada pelos projéteis chegava-lhe até o rosto, entrando em um dos ouvidos e narinas.

O ferido gritou:

— Está liquidado, Clark Jackson! Pode dar-se por morto!

— Já ouvi esta música em outro lugar e quem a tocou está cozinhando no inferno há muito tempo — replicou o jovem.

— Não vai dar as caras?

— Quando der será mau para você, rapaz. Os abutres virão dentro de poucas horas sobre sua carniça...

Driscoll não tardará a contar-lhe uma história — respondeu o outro.

— Quer dizer que era Driscoll.

— Sim, era ele. E você o esperava, não negue...

O bandido falava, procurando distrair Clark para aproveitar a oportunidade de meter-lhe chumbo na cabeça.

— Quase não acreditava. Disseram-me que era valente e no entanto fugiu covardemente — respondeu o jovem, com humor.

— Voltará para caçá-lo!

— Você sabe muito bem que não. Assim que viu chumbo voando, sacudiu a poeira dos sapatos e não quis saber de mais nada...

Um balaço cravou-se na areia, após roçar-lhe os cabelos, obrigando-o a praticamente enfiar a cabeça na terra.

Clark atirou então, assomando pelo outro lado da rocha. O projétil tocou a fogueira, espalhando as brasas que ainda restavam.

Aquilo deixou o bandido um pouco desconcertado e Jackson aproveitou para enviar alguns balaços para o centro do braseiro.

Um projétil sibilou junto a seu braço, mas não o atingiu.

O verme então compreendeu a intenção de Clark. Inflamando-se a pólvora os cartuchos disparariam as balas que poderiam alcançá-lo, já que estava ao seu alcance.

Clark riu zombeteiramente, perguntando.

— Acha que ainda lhe resta muita vida? Por onde chegará a bala que a rematará? Se quiser, faremos uma aposta...

Houve o primeiro disparo e a bala espatifou-se contra a rocha que protegia Clark.

O bandido riu com desdém, dizendo em seguida:

— As coisas estão contra você! Já está cheirando a defunto!

— Afirmando que não. Estou protegido por esta rocha, enquanto que você não tem defesa alguma por esse lado... As balas explodirão em todas as direções.

Houve nova explosão e o verme encolheu o corpo, procurando esquivar-se. O chumbo tampouco foi em sua direção, mas deu a Clark ocasião para abrir fogo.

Não tocou o homem, mas inutilizou-lhe a arma que empunhava.

Instintivamente, o canalha procurou alcançar o "Colt" que caíra a apenas um metro, mas Clark tornou a atirar.

O bandido estremeceu ao receber o impacto na cabeça e ficou estendido de bruços morto, já com a mão sobre a arma.

O jovem continuou em sua trincheira, até que os cartuchos restantes da fogueira explodissem. Nenhum deles atingiu o bandido.

O jovem tornou a sorrir com expressão divertida e depois disse, desdenhosamente:

— Bah! Apenas covardes e sem boas idéias...  
— Chegou até os animais. Felizmente nenhum deles fora atingido e a carga estava intacta.

— O negócio é dar o fora daqui — monologou, Resolveu partir, apesar de extremamente fatigado. Iniciou a marcha a pé, escondendo as pegadas dos animais com um ramo. Apagou também as suas.

Ficava apenas a trilha do ramo. Disse para si mesmo:

— Bem. Isto é mais facilmente apagado. Com o ventinho que faz, dentro de duas horas não poderão saber por onde saí e nem qual direção tomei.

Clark surpreendeu-se de repente, ao ver que chegara a um lugar onde não havia muito, houvera um pequeno acampamento.

Nada ficara nele, mas pelos indícios que notou, em grande confusão, verificou claramente que havia muitos seres, entre homens e animais. Também houvera luta.

Entre as pegadas normais dos seres humanos, umas destacavam-se das outras, devido ao tamanho bem menor.

Para Clark não restou dúvida de que o pequeno acampamento fora armado por Irish e que ela fora surpreendida, tendo sido levada dali à força.

— Demônios! Que poderei fazer agora por ela?

Clark lamentou mais o que acontecera a ela que se fosse consigo mesmo.



— Sem dúvida todas as mulheres são loucas! Se tivesse continuado representando, seu papel de rapaz, certamente isso não sucederia. Mas sentiu-se mulher e deitou tudo a perder...

Sentia-se muito cansado, mas mesmo assim deixou os animais no acampamento e seguiu os rastros deixados pelos raptos.

Seguiu-os durante mais de cinqüenta metros, notando que se dirigiam para a parte desértica.

— É absurdo continuar agora!... Mas, tampouco, devo ficar no acampamento. Podem pensar que vou segui-la e talvez queiram voltar para caçar-me.

Tal ideia fez com que voltasse atrás; montou a cavalo e reiniciou a marcha sobre os rastros dos sequestradores.

Sua despreocupação levou o jovem Clark a monologar.

— Não têm o menor interesse em apagar seus passos. É como se desejassem que eu os siga sem dificuldade. Isso significa que me estenderão a armadilha no final.

Apesar de tal reflexão, continuou em frente, durante mais de uma hora.

Chegando a um terreno pedregoso, onde as marcas desapareciam, e parou.

— Acho que é hora de pensar em mim, se desejo fazer alguma coisa por ela.

Estava certo de que poderia seguir os raptores facilmente, uma vez atravessado aquele trecho pedregoso. E, em lugar de fazer tal coisa, virou seu cavalo para a esquerda. Os animais de carga seguiram-no e internou-se ao longo da franja pedregosa, certo de encontrar um bom lugar onde refugiar-se. Assim, passaria a noite tranqüilamente.

Caminhara sobre as mesmas pegadas deixadas pelos raptores, de modo que seus rastros coincidiam- com os deles.

— Não creio que voltem atrás. E se voltarem para surpreender-me, levarão tempo para encontrar-me.

Afinal, localizou um lugar fácil de defender em caso de ataque e onde a surpresa seria quase impossível, graças à configuração do terreno.

Finalmente, vinte minutos depois, entregava-se a um merecido descanso.

\* \* \*

No dia seguinte pôs-se a caminho, após um modesto jejum, assim que amanheceu.

A uma hora de viagem, os animais descobriram um manancial que brotava de entre as rochas, tragado poucos metros depois pela areia do deserto.

Verificando que a água era boa, renovou suas provisões do precioso líquido e tornou a pôr-se a caminho.

— Se soubessem aproveitar a água, poder-se-ia criar aqui uma rica zona que se espalharia, roubando espaço ao deserto...

Clark não voltou sobre os rastros dos raptos, mas calculou a direção que provavelmente tomariam, para surpreendê-los, saindo-lhes ao encontro.

Após deixar para trás a franja pedregosa que devia estender-se por alguns quilômetros, encontrou uma zona de terreno salitrado. A camada superior era dura e sumamente quebradiça, mas por baixo havia um terreno bastante firme, por onde o caminhar era bem mais fácil que pelo areal.

Pelo meio da manhã, avistou um cavaleiro na distância. Teve a impressão de que vinha ao seu encontro e preparou-se para a luta.

— Com gente como Driscoll e seu bando por aqui, duvido que não seja um verme. É difícil pessoas decentes andarem sozinhas por semelhantes lugares, a menos que sejam loucas como eu... ou Irish...

Clark continuou sua caminhada em passo normal, embora de vez em quando se erguesse nos estribos, girando a vista em torno para certificar-se de que não havia outro cavaleiro além daquele que corria ao seu encontro.

As distâncias tinham encurtado de modo sensível e de repente Clark sobressaltou-se pela

surpresa. Não era um cavaleiro, mais sim uma amazona.

— Uma garota! — exclamou.

Em seguida as surpresas foram acontecendo com impressionante rapidez.

— Veste-se com luxo e até parece que saiu de casa não há muito, isto é, de uma casa fora do comum.

Quando a jovem ficou a pouco mais de sessenta metros, soltou uma exclamação de espanto e admiração:

— E que garota, santo Deus! Será possível que neste deserto se criem coisas assim?

A descoberta seguinte consistiu em que, além de uma atraente e maravilhosa figura, a jovem era muito bonita.

Quando já estava perto, muito perto, Clark deduziu que deveria ser simpática, muito simpática, pela forma de sorrir-lhe.

Ela parou seu cavalo a três metros do homem, o qual, por sua vez, fez o mesmo.

Maquinalmente, Clark levou a mão à aba do chapéu e saudou:

— Bons dias.

Parara como que hipnotizado, contemplando-a à vontade.

A jovem, morena, muito mais bonita do que achara no início, não pareceu importunada com sua observação. Continuou sorrindo e, acentuando a picardia daquele sorriso,

correspondeu vivamente ao cumprimento, perguntando depois:

— Espantado?

Clark não respondeu e ela o animou, exclamando:

— Ei, você, acorde de uma vez!

O jovem respondeu, afinal:

— Espantado, não; deslumbrando.

— Assim está melhor — declarou ela.

— Pensei que encontraria apenas areia, terra, pedras candentes, sol, este maldito ar quente que queima o sangue até as entranhas, cactos... E eis que a senhorita não é nada disso, embora também faça o sangue esquentar...

— Tenho água fresca, quer? — perguntou ela, sem abandonar seu ar divertido.

— Também a tenho...

— Procurador de ouro?

Clark encolheu os ombros e replicou:

— Não tenho muita certeza.

Ela fez um gesto para os animais de carga e disse:

— Contudo, parece levar ali os utensílios usados pelos buscadores de ouro.

— Sim, mas não é isso que procuro, embora não fizesse cara feia se o encontrasse.

— Fora disso, não compreendo o que possa procurar por aqui. Acho que desviou-se um pouco, sabe?

— E a senhorita, que faz por estas bandas?  
— perguntou ele, em vez de responder.

A jovem, uma morena que andaria pelos vinte e cinco anos, sorriu, ruborizando-se ligeiramente. Seus olhos claros brilharam, mas não tinham picardia naquele momento.

Deu a impressão de que tinha dificuldade em responder e Clark tornou a dizer:

— Não é preciso responder. Se perguntei é porque a senhorita também fez perguntas.

A expressão do jovem tornou-se fria e acrescentou após uma curta pausa:

— Na realidade, pouco me importa o que faz ou deixa de fazer.

Clark resolveu seguir seu caminho, levando os dedos à aba do chapéu, numa muda despedida.

Surpreendera-se com a limpeza e elegância dos trajes da jovem, em cujo cavalo notava-se o mesmo cuidado, embora tanto ela como o animal estivessem algo empoeirados.

Contudo, seu aspecto era muito diferente dos seres que se viam obrigados a passar dias e dias no deserto.

A linda morena abrandou a expressão e apressou-se a dizer:

— Um momento, jovem. Reconheço que fui impertinente. Não fique aborrecido comigo.

— Não estou aborrecido, mas gosto de saber onde piso. E a senhorita parece ser daquelas habituadas a mandar e ser obedecidas.

— Nem tanto. Mas gosto de que os homens sejam amáveis comigo e você não o foi.

— Acho estranho encontrar sozinha uma jovem como a senhorita; jovem, bonita, bem vestida e fresca, inclusive com algumas jóias de valor...

— É bom observador...

— Salta aos olhos. Isto está dominado por bandidos e a senhorita constituiria para eles uma bela presa. Por muito menos do que usa, atacaram uma jovem minha conhecida.

— Não irá pensar que faço parte do bando deles?

— Isto seria a coisa mais impossível que já vi na vida — replicou Clark, imperturbável.

— Se fala de Driscoll e seu bando, digo que não. Não faço parte dessa quadrilha ou de qualquer outra, naturalmente.

— Se a senhorita assegura, devo acreditar. Afinal, perguntei apenas por isso.

— Sua pergunta não foi importuna, mas não gostei que deixasse a minha sem resposta.

— Mas respondi. Posso acrescentar que procuro um homem para matar. Satisfeita?

— Se não for nenhum de meus irmãos, sim, satisfeita.

— Então já sabe o que há. Não sou procurador de ouro e sim distribuidor de morte...

— Não acredito que seja tanto...

— Pois creia. Sete bandidos da quadrilha de Driscoll ficaram estendidos para sempre e feri o próprio Driscoll. Se a notícia lhe é agradável, fique sabendo.

Enquanto falava, Clark tentou descobrir as reações da jovem, mas ela permaneceu sorridente, com um sorriso que nada dizia. Afinal, fez um gesto indiferente e disse;

— De qualquer modo é agradável. Embora Driscoll não se atreva conosco. Sabe que meus irmãos e nossos homens os varreriam, se tentassem algo...

— Mas para varrê-los, eles primeiro terão que ofender os senhores ou fazer-lhes algo, "justamente aos senhores" — acentuou Clark.

— Sim, naturalmente, — admitiu ela.

— Não gostaria de incomodá-la com minha rude sinceridade, mas não estou gostando disso em absoluto.

A linda morena não se desconcertou e respondeu:

— Não queremos complicar as coisas. Além disso, temos o direito de encarar a vida à nossa maneira...

— Também Driscoll pode pensar o mesmo, mas eu não o admito. — A resposta do jovem saiu em tom gélido.



— Cada um com seus problemas. Nosso rancho fica a vinte e cinco quilômetros daqui, nesta direção. Mais para noroeste e não há outro, nem mesmo terra fértil que não pertença a ele. Se quiser ser nosso convidado, será bem recebido lá.

— Obrigado, senhorita. Meu convite é para outro lugar...

— Talvez para o inferno, se continuar com as mesmas intenções. Meu nome é Susan Lakeland e o rancho "As Três Estrelas".

— Encantado em conhecê-la...

Clark levou a direita à aba do chapéu e continuou seu caminho, percebendo a expressão de assombro que aparecia no rosto da moça.

## CAPÍTULO VII

Uma instintiva desconfiança o levou a mudar de direção decididamente, assim que a teve fora do alcance da vista.

Chegou à conclusão de que o deserto não era tão deserto como se podia imaginar.

Em várias ocasiões aproveitou algumas elevações para verificar se não era seguido.

Então, apertou o passo dos animais.

Saindo ao terreno arenoso, preocupou-se em apagar seus rastros por um processo idêntico ao adotado no dia anterior. Quando tornou a encontrar com os deixados por Irish e seus raptos, seguiu-os durante quase dez quilômetros.

Em seguida deixou de caminhar sobre aquelas pegadas e voltou a apagá-las, ajudado pelo vento que aumentara de velocidade.

Parou três vezes durante o dia, depois de seu encontro com a senhorita Lakeland. Na quarta parada a noite já caía.

Aliviou os animais da carga, jantou frugalmente e estendeu-se para descansar.

Então resumiu as impressões do dia e fez os cálculos que achou necessários para ter uma ideia da distancia que o poderia separar de Irish e seus sequestradores.

Quando chegou a alguma conclusão, resolveu dormir, o que aconteceu logo em seguida.

Despertou depois da meia-noite e, após consultar o relógio, recarregou os animais e reiniciou viagem.

Caminhava em absoluto silêncio, certo do que fazia.

Duas horas depois parou, obrigou os animais, novamente aliviados do peso, a se estenderem em terra e estendeu-se ele também, mas arrastando-se até uma elevação de terreno.

Seu olfato farejara o peculiar odor da fumaça de uma fogueira.

Assim que atingiu o alto da elevação, verificou que não se tinha enganado. A menos de cem metros fora instalado um pequeno acampamento.

Clark ficou observando e contou:

— Quatro sujeitos... E lá está Irish. Pelo menos, parece.

Reconheceu o cavalo da jovem, descobrindo um animal de carga perto dele.

Coçou a nuca, com um ar perplexo nas feições.

— Tomaram a direção do "Vale do Diabo". Sem dúvida levam-na para lá... E se fossem amigos de seu pai e seguiu com eles por livre e espontânea vontade?

Entretanto, expulsou tal pensamento mal o enunciara, vendo o aspecto do sujeito que montava guarda.

— Não! Aquele indivíduo é um bandido da mesma categoria de Driscoll e seus cúmplices...

Clark percebeu movimentos de Irish. Divisou a cabeça da jovem que ficou em posição favorável para sua observação.

— Move-se com certa dificuldade. Aquelas feras devem tê-la amarrado, não há dúvida...

Quando a jovem moveu-se, o sujeito que vigiava virou-se para ela e ficou a observá-la durante mais de um minuto.

Afinal, o homem voltou à sua ocupação, dando algumas voltas em torno do pequeno acampamento. Clark notou que ele vigiava de preferência a direção que levavam.

Um dos bandidos que dormiam remexeu-se em suas mantas, olhou em direção de Irish e, como não desse pela coisa, arrastou-se para o lado dela.

O que vigiava percebeu a manobra, mas fingiu não vê-la.

O outro chegou junto a Irish, caiu a seu lado e levantou a manta que cobria a jovem, para enfiar-se por baixo dela. Ao mesmo tempo, aproximou sua cabeça à da moça.

A linda loura deu um salto, erguendo-se.

O sujeito tentou abraçá-la, obrigando-a a cair, mas ela cuspiu-lhe num olho. Quando ele,

instintivamente, recuou, Irish encolheu-se e disparou seus dois pés para a frente.

O duplo golpe atingiu o rosto do canalha, que blasfemou, fazendo com que os outros se levantassem.

Um deles empunhou um rifle, perguntando:

— O que há?

O que vigiava respondeu, com expressão maliciosa:

— Nada de particular. Cassei empenha-se em não deixar a garota em paz, enquanto ela continua a dizer não...

Com as narinas rebentadas pelo golpe e sangrando em abundância, Cassei procurava conter a hemorragia com um lenço, enquanto grunhia surdamente.

De repente, levantou a mão, descendo-a violentamente contra o rosto de Irish, gritando:

— Maldita raposa!

Atirou-a ao solo violentamente com o impacto do golpe e ela rodou, raivosa, tornando a dar-lhe pontapés. Isso deixou bem claro que estava manietada.

Clark resolveu entrar em cena. Os sujeitos mereciam que atirasse contra eles sem aviso prévio, mas o jovem era incapaz de tal procedimento. Gritou:

— A mim, canalhas!

Os quatro homens viraram-se como relâmpagos, enquanto Irish continuava estendida no chão.

Clark atirou e seu projétil cruzou-se com o do que estava de guarda.

O chumbo levantou areia junto ao nariz de Clark, ao passo que sua bala penetrou no peito do sujeito, atirando-o para trás, com força.

O segundo balaço foi destinado ao que importunara a jovem, chegando ao seu objetivo, justamente quando o destinatário apressava-se a apertar o gatilho.

Com o choque do balaço, o homem foi atirado por cima do corpo de Irish — que gritou assustada — indo cair do outro lado, onde permaneceu na posição de um boneco desarticulado.

Clark precisou grudar-se à terra para não ser vítima de um novo carregamento de chumbo quente que lhe dedicaram; depois gritou e atirou de outro ponto.

Fez quatro disparos seguidos e experimentou o prazer de ver as quatro sacudidelas sentidas pelos outros bandidos, cujas armas silenciaram imediatamente.

Houve um lapso de silêncio, quebrado pelos soluços da moça, presa de um choro nervoso.

Clark levantou-se e avançou, cautelosamente, chegando até onde os quatro sicários tinham caído.

Examinou-os conscienciosamente para evitar surpresas e disse:

— Mortos e bem mortos.

Em seguida aproximou-se de Irish, em cuja cabeça pousou a mão direita.

— Vamos, camarada, acalme-se. Está livre... Dando ação ao que dizia, libertou-lhe as mãos. Ela continuou chorando e então Clark a sacudiu, segurando-a pelos cabelos e assentando-lhe duas bofetadas.

Irish levou um susto, olhou para seu salvador com expressão que refletia o maior pasmo e de repente atirou-se em seus braços, exclamando:

— Oh...!

Manteve a cabeça escondida contra o ombro dele. Suas convulsões nervosas tinham cessado, mas Clark estava certo de que continuava chorando.

Segurou-lhe o queixo, levantou sua cabeça e disse em tom humorista:

— Vai arruinar minha camisa. E isso não é nada agradável, depois de ter-lhe salvo a vida novamente... Um trago?

Estendeu-lhe o cantil de uísque, pendurado ao cinto.

Ela o recusou-se, energicamente, embora sem dizer palavra, limitando-se a menear a cabeça.

Fingindo-se de desentendido, Clark destampou o cantil, bebeu um gole e comentou:

— Afinal de contas, fiz jus a isso. Agora você vai beber.

Tornou a segurar-lhe a cabeça, enfiou-lhe o gargalo do cantil na boca e a jovem não teve jeito senão beber, embora debatendo-se ferozmente.

Quando verificou que já bebera uns dois goles, soltou-a.

A moça respirou fundo e afinal disse, com raiva:

— Você é um selvagem!

— Se descobrir ouro com a mesma facilidade, desconfio que ficará rica muito depressa.

Irish exclamou, irritada:

— É como se uma maldição se abatesse sobre mim. Depender de você, ficar devendo-lhe a vida duas vezes!

— Não se preocupe. Estou certo de que será rica, nadará em ouro e então estipulará uma quantia para pagar cada uma de suas vidas.

Irish espichou-lhe a língua, fazendo uma careta. Respondeu:

— Não achei graça nenhuma.

— Não tenho culpa de suas tolices, filha. Qualquer uma, medianamente esperta, divertir-se-ia à grande. E com você, a única idéia que tem é mostrar-me a língua... Puf!

— Que tem minha língua para que faça esse ar de nojo?



— Olhe para ela e verá.

A linda loura mordeu o anzol, espichou a língua e enviesou os olhos para tentar examiná-la.

Sua expressão era tão cômica que Clark começou a rir. Procurou exagerar, rolando-se no solo sem parar de rir.

— Selvagem maldito! Preferiria morrer a dever-lhe algo...

— Bem, para ser franco, a princípio você até que era um rapazinho bem passável. Depois, quando virou mulher, começou a sentir-se valente e àquilo acabou-se. Agora, poderei ouvir a seu respeito a vida inteira. E olhe que sou selvagem, confesso!

— E principalmente muito galante! — pulou ela, aborrecida.

— Isso foi o que uma linda jovem deixou-me entrever esta manhã. Uma morena chamada Suzan Lake-land...

— Alguma daquelas com quem se diverte volta e meia?

— Oh, não, nada disso! Foi em pleno deserto, parecia recém-saída do banho, perfumada e cheia de joias, como se morasse às portas de São Francisco ou Sacramento...

— Está bem! Vá zombar de sua tia, ouviu? Neste maldito lugar existem apenas bandidos, ratos, abutres e sapos...

— Minha cara senhorita Wells; vamos ver se acalma um pouco esses nervos ou terei que surrá-la novamente.

Clark falou em tom ligeiramente humorístico, mas Irish compreendeu que cumpriria sua ameaça, para o próprio bem dela.

Recordando as bofetadas, levou as mãos ao rosto que ainda queimava. Disse, humildemente:

— Está bem. Desculpe-me.

— Lamento, mas você estava muito exaltada e não vejo motivos para tanto. Deveria ter ficado em casa.

— Estava sozinha e amo meu pai... Esquisito, não?

— Não. Para meter-se numa encrenca como esta, é preciso apenas ter os nervos mais assentados.

Os dois jovens estavam de pé. Clark fitou Irish com ar crítico, percorrendo com o olhar as esbeltas linhas de seu corpo. Finalmente falou, pouco se preocupando com a vermelhidão que via no rosto dela:

— Precisa engordar um pouco. Então os nervos costumam acalmar-se. Muitas vezes essa excitação não é mais que um sinal de debilidade.

Irish compreendeu e respondeu:

— Às vezes você parece humanizar-se... Procurarei seguir seu conselho...

— Por ora acho que deveríamos dar o fora daqui. A companhia não é nada grata e tão logo

amanheça, os abutres esvoaçarão por cima, atraindo os companheiros destes ordinários...

Irish dispôs-se a colocar seus pertences sobre o burro de carga adquirido em Owens, mas Clark a impediu, tomando a si a tarefa.

— Que tiraram de você?

— As armas, o dinheiro, um anel e os brincos de ouro.

A linda loura apontou para o sujeito que a roubara.

— Muito dinheiro?

Estava todo junto, num lencinho... Uns cento e trinta dólares.

O jovem recolheu tudo que pertencia a Irish e devolveu a ela.

Depois, mal tinham iniciado a marcha, perguntou:

— Por que fugiu?

— Não quis esperá-lo. Suas maneiras causam-me repugnância... Tendo direito a encarar a vida a meu modo, não? — perguntou:

— Está mentindo. Comprou o animal e os utensílios antes do nosso jantar. Já então pensava dar o fora. Realmente, não merece que eu a olhe de frente...

— Não lhe pedi que me salvasse...

— Está bem! Será inútil falarmos do que passou. Você é tão ou mais cabeçuda que uma mula.

— Obrigada. Não quero continuar a seu lado. Se algum dia ficar rica, hei de pagar-lhe.

— Fale com franqueza. Gostaria que eu a tivesse deixado em mãos daqueles vermes? — perguntou Clark, seriamente.

Irish evocou o medo passado, o momento para ela tão angustioso em que o jovem interviera e respondeu apenas:

— Não.

— Ainda bem...

Caminharam em silencio, um junto do outro até chegar ao lugar em que tinham ficado os animais de Clark. Este perguntou:

— Que tentavam aqueles sujeitos fazer com você?

— Não falaram muito a respeito. Mas deduzi que tentavam vender-me a não sei quem. É o que fazem aos que agarram em seus domínios. Além disso, ficariam com meus pertences.

— Vendê-la? E para quê?

— Suponho que para obrigar-me a trabalhar...

— Não falaram nada de usá-la como isca para caçar-me?

— Não. Tenho a impressão de que nem mesmo contavam com você. Num certo momento falaram que "o chefe" se encarregaria de liquidar alguém. Nada mais.

— O chefe é Driscoll?

— Imagino, embora não o mencionassem...

— Sim, certamente deve ser ele. O que não podiam nem ao menos imaginar é que seu chefe recebeu o seu. Deixei-o ferido; com estes e os de Owens, já perdeu onze homens. Não creio que lhe reste muita gente...

Irish refletiu no rosto o maior dos espantos. Perguntou:

— Que fez você...?

— Fiz um quadro. Uma bela obra...

Em seguida, narrou os acontecimentos à jovem.

Depois de terminar, quando Irish ainda não saíra de seu assombro, perguntou-lhe:

— E agora resolva: vem comigo ou segue por conta própria?

Após um prolongado lapso de silêncio, ela respondeu:

— Procurarei continuar com você, embora isso seja difícil.

— Está bem. Nada de traições. Quando não puder mais suportar-me, diga... Por sua tolice perdi muito tempo. Além disso, dois defendem-se melhor que um.

Irish respondeu:

— Não venha agora bancar o fracote. Você sozinho defende-se perfeitamente, muito melhor do que indo comigo. Fala assim para não me humilhar e magoa-me mais do que se fosse claro.

— Está bem, menina. A cavalo outra vez e não houve nada. Tão logo Driscoll saiba do que

houve, cairá sobre nós com todas as forças disponíveis...

## CAPÍTULO VIII

Os dois jovens marcharam durante o resto da noite e uma boa parte da manhã.

Clark desviou-se bastante da rota que deveriam seguir e obrigou os animais a caminhar rapidamente, dando frequentes e curtos descansos.

Escolheu zonas pedregosas para a caminhada, onde quase ou nenhum rastro seria visível. Mesmo assim, tomava precauções a fim de apagá-lo.

Quando Irish percebeu que se tinham desviado, ele esclareceu:

— Eles nos procurariam pela rota que seguíamos e seus arredores. Não quero ser presa fácil. Pense que nem sempre será fácil surpreendê-los.

Ao anoitecer descansaram duas horas, e em seguida marcharam durante quase toda a noite, até que Irish deitou-se cair do cavalo.

— Não aguento mais, Clark, estou exausta. Deixe-me, sei que só sou um estorvo para você.

— Nada disso. Pretendia que descansássemos logo. Vamos seguir mais um quilômetro até aquele monte que divisamos além. Será um bom esconderijo e não pensarão que estamos em semelhante lugar.

— Está bem. Farei um esforço.

Chegados ao lugar apontado por Clark, escalaram a encosta com bastante dificuldade e depois tiveram que subir os animais, puxando-os com cordas, numa posição mais acima.

Estavam numa espécie de íngreme paredão que só tinha um único lugar acessível: o empregado por eles. A dois terços do cume, havia uma plataforma, para a qual duas grutas davam a saída.

Irish ficou satisfeita, vendo-se lá em cima com tudo quanto lhe pertencia.

— Que acontecerá aos animais, quando tivermos que descer?

— Usaremos cordas. Não se preocupe. Agora, uma gruta para eles, outra para nós...

Num momento, tudo ficou arranjado, depois que Clark revistou as cavernas, pouco profundas, verificando que não continham qualquer surpresa.

Depois, obrigou Irish a estender-se no chão e friccionou-lhe o corpo e as extremidades, tratando-a como se realmente fosse um rapaz.

Ela resistiu a princípio, mas depois acabou cedendo.

— Agora, toca a dormir...

— E se vierem, apesar de tudo? — perguntou ela.

— Quando você puder vigiar, dormirei eu. Agora tenho que pensar...

— Você também está cansado, precisa dormir...



— Já disse. Ficarei de vigia. Preciso pensar.

— Pensar em quê?

— Naquela moreninha que encontrei... Em Susan Lakeland...

Já deitada, Irish remexeu-se sob sua manta, deu-lhe bruscamente as costas e disse em tom apagado:

— Bom proveito!

— Obrigado. Descanse em paz.

Ao perceber a atitude da companheira, Clark disse:

— Irish?

— Que há agora?

— Imagino que não se tenha apaixonado por mim...

— Jamais poderia gostar de um sapo inchado de vaidade e de uísque.

— De acordo. Agora estou mais tranquilo.

Irish teve vontade de apanhar uma pedra e atirá-la à cabeça daquele presumido, mas compreendendo que ele zombava, mudou de atitude, dizendo:

— Apesar de tudo, você é um bom camarada, Clark.

— Obrigado. Mas fico com a pulga atrás da orelha, quando as mulheres se tornam razoáveis. Que quer dizer com esse "apesar de tudo"?

— Esse apesar de tudo refere-se à sua vaidade, selvagem... O resto não precisa perguntar, pois sabe-o perfeitamente.

— Sim...

— Pensei se o tal Sammy King não partiu farto de suas bebedeiras e informalidades...

— Não diga esse nome, por favor! Preciso pensar, entende? E o nome desse sujeito faz-me perder a calma. Um maldito ladrão sem-vergonha!

— E se não foi ele quem o roubou, Clark?

— Claro que foi ele!

— Você não tem provas. Que pensaria ao verificar que alguém partisse com suas coisas, coincidindo com minha fuga?

— Tê-la-ia caçado, pendurado pelos pés e recuperado o meu.

— Imagine se o verdadeiro ladrão agiu cautelosamente, sem que ninguém o visse e sem deixar rastros. Não pensaria em mim?

Clark sorriu, com ar bondoso:

— Que tolice! Você não seria capaz disso, eu sei.

— Está mentindo, Clark. Ponha a mão sobre o coração e responda a verdade. Desde que recebeu meu recado no hotel até verificar que seus pertences estavam intactos, que pensou?

Clark sobressaltou-se. Magoou-o ter que mentir um pouco e disse cinicamente:

— Não imaginei nada do que está pensando. Já lhe disse o que penso de você.

— Pois aquele homem também não era capaz de roubar-lhe nada, está claro?

O jovem fitou-a com expressão do mais legítimo assombro.

Ela continuou, irritada:

— Sammy King é meu pai, fique sabendo de uma vez. Não sei por que trocou de nome, mas não é nenhum ladrão!

Tomou fôlego, bufou fortemente, fazendo voar sua franjinha e disse em continuação:

— Agora já sabe por que o deixei em Owens! Houve um silêncio, durante o qual os dois se entreolharam desafiadoramente. Afinal, Clark exclamou:

.— Agora sim é que estou arranjado! Primeiro com o pai, depois com a filha. É como se uma maldição caísse sobre minha cabeça!

— Vê como não passa de um selvagem?

— O que sou é um idiota, desde que nasci. Era só o que faltava! Quilômetros e quilômetros de caminho, deixando tudo; engolindo areia no deserto, arriscando a vida, apenas para agarrar um sujeito, quando aparece alguém que diz sorrindo: "Não pode fazer isso, Clark. Seria uma selvajaria. Não vê que é meu pai?"

Ao falar, Clark a imitou, ridicularizando a voz de Irish de maneira afetada.

A jovem levantou-se de um salto, enfiou os pés nas botas e dirigiu-se a Clark, com atitude violenta:

— Viu como é impossível ficar ao seu lado? Selvagem, mais que selvagem! Se pudesse, havia de esmagar-lhe a cabeça!

Irish tinha tirado o cinturão e desabotoado a blusa para melhor dormir.

Abotoou-se rapidamente, atou as botas e afivelou o cinto.

Clark a contemplava com um divertido sorriso no rosto.

Quando ficou pronta, Irish dispôs-se a carregar seu animal, esquecendo-se de seu próprio cansaço e das circunstâncias em que estavam.

— Que vai fazer? — perguntou Clark.

— Vou embora! Prefiro mil vezes a morte a ter que aguentá-lo! Vou para onde está meu pai e esperarei sua chegada! Atirarei primeiro, entende? Conheço suas intenções e tenho o direito de fazê-lo.

Clark apontou para os animais e disse em seguida, sem perder o ar divertido:

— Não sei se será capaz de voar. Mas aposto como os animais não poderiam. E, naturalmente, você não contou com a minha ajuda.

Irish parou, olhando para seu companheiro de viagem com ira e perplexidade. Ele continuou:

— Acho que já chega de tolices e é hora de assentar essa cabeça no lugar.

— Vou embora, haja o que houver! Ninguém consegue ficar ao seu lado! Ali há cordas. Não

preciso de sua ajuda. Descerei meus animais como puder.

— Você me faz rir. Ouça: ha, ha, ha!

Irish apanhou uma pedra do chão, pronta a atirá-la na cabeça de Clark, mas bastou um simples golpe de mão dele para que ela soltasse o quase projétil.

Então levou a mão ao revólver, mas antes de poder empunhá-lo, Clark aferrou-lhe o pulso, desviando o cano da arma para o chão. Com a outra mão, segurou-a pelo pescoço com dois dedos, imobilizando-a inteiramente. Falou calma e repousadamente:

— Se acha bem, atire e que nossos inimigos que nos procuram como loucos, ouçam o ruído. Serão atraídos para cá como moscas pelo mel.

— Solte-me, selvagem! Tenho que matá-lo! Vou matá-lo! Meu pai não o roubou, não pode tê-lo roubado!

— Por quê? Apenas por ser seu pai?

— Sei que não roubou, conheço-o bem! Mas mesmo que tivesse feito isso, não é motivo suficiente para matá-lo.

— Está bem. Fiquei convencido. Poderia ter poupado esta cena, porque desde que disse ser seu pai, não pretendia mais matá-lo.

Clark despojou-a tranquilamente do revólver e a soltou.

— Vamos, deite-se. Está que não pode ficar de pé. Não sei até onde pretendia chegar nesse estado.

O jovem colocou dois dedos nas clavículas de Irish e empurrou suavemente, atirando-a contra as mantas, entre as quais caiu sentada.

A jovem não protestou e tornou a dizer?

— Estou certa de que papai não lhe roubou nada.

— Está bem. Não pense mais nisso. Como disse, não pretendia matá-lo. Na realidade, acho que nunca pensei nisso seriamente. Vinha para vá, sei lá por quê? Na vida temos que ir a algum lugar. Também tinha a esperança de encontrar ouro. Isso nunca incomoda... Irish repetiu como um eco:

— O ouro nunca incomoda. Assim, pode-se comprar uísque para tomar banho; pode-se também ter certa classe de mulheres, tantas quantos se queira! E os tontos que trabalhem!

Clark sobressaltou-se, cocou a barba e disse:

— Não creio que o ouro incomode nem a você nem a seu pai...

— Mas eu e meu pai nunca nos embriagamos, ainda menos a ponto de perder a noção das coisas. Também não nos revolvemos na classe de lixo que você prefere. Queremos ouro para fazê-lo trabalhar, criar riqueza, montar granjas de plantação e aves... Também pensamos

erguer uma fábrica de açúcar... Nosso ouro traria utilidade a todos em geral. Entendeu bem?

O rosto do jovem refletiu uma viva perplexidade. Depois coçou a nuca e finalmente confessou:

— A verdade é que nunca pensei em nada disso. Você tem razão, Irish.

Ela se sentiu enternecer e falou:

— No fundo, você é um bom rapaz, Clark. Mas precisa fazer este fundo flutuar ou estará perdido. Vou ajudá-lo...

O jovem fitou-a com expressão de cômica desconfiança e perguntou:

— Desinteressadamente?

A linda loura tornou a irritar-se e perguntou por sua vez:

— E por que não?

— Sei lá... As mulheres estão sempre pensando em caçar a gente e para toda a vida...

— Você pensou em caçar-me quando me ajudou?

— É diferente. Eu sou tranquilo...

— Pois por isso mesmo! À maioria dos homens, quando ajuda alguma garota, está sempre com segundas intenções... Você entende perfeitamente o que estou dizendo.

— De acordo. Mas não sou desses...

— E se você não é desses, por que não posso também deixar de ser das outras?

Clark demorou a responder, mas finalmente disse:

— Está bem, não se exalte. Talvez você não seja dessas.

— E não o sou! — gritou ela.

— Admitido. Mas a gente fica desconfiado, de tanto esquivar-se aos laços armados pelas garotas...

— Pobre rapaz! A meu lado pode estar tranquilo. Não pretendo estender-lhe laço algum... Não me casaria com você por nada deste mundo.

— De acordo. Mas realmente, preferiria que você fosse um rapaz. Assim não haveria perigo algum...

Irish ergueu-se, fitando o jovem atentamente, a quem disse:

— Qualquer um diria que tem medo de mim! Sim, é isso... Não estava enganada quando o chamei de covarde...

— Está bem, tenho medo! E daí? Sei muito bem como defender-me dos revólveres de outros sujeitos, mas ainda não encontrei a maneira de resistir aos olhares de uma garota... E existem algumas que não se conformam apenas em olhar, demônios!

— Você é o sujeito mais perigoso que já encontrei Clark. Agora, tentarei dormir para não ter que romper-lhe a cabeça.



## CAPÍTULO IX

Quando, dois dias mais tarde, Clark e a linda lourinha chegaram às imediações do "Vale do Diabo", a noite já caíra inteiramente.

Os dois tinham feito uma considerável volta para chegar até ali, usando os lugares que os homens de Driscoll menos pudessem imaginar.

A paisagem que tinham à vista era áspera, desoladora, mesmo durante a noite, quando os contornos se suavizam e o luar empresta ao quadro um tom ideal que as violentas luzes do dia não podem ter.

Irish e Clark escolheram o abrigo de uns paredões para montar seu acampamento e, embora ficasse fora dos olhares dos que haviam no "Vale", não ousaram acender qualquer fogo.

À custa de muita procura, encontrou ele um bom refúgio para os animais, um recanto formado por um dos paredões, todos eles de caprichosas formas.

A carga ficou perto dos animais e os dois jovens colocaram-se à entrada.

Em silêncio, fizeram uma frugal refeição.

Irish perguntou afinal:

— Preocupado?

— Naturalmente que sim...

— Não creio que os homens de Driscoll tenham o que fazer aqui. Os garimpeiros saberão defender-se e podem mantê-los à distância...

— Não é Driscoll quem me preocupa. Não acho que lhe sobre muita gente. Matei onze homens seus...

— Então...?

— Aqueles vermes que a prenderam tencionavam vendê-la, mas a quem?

— Não sei. Nada disseram sobre isso.

— E eu encontrei com Susan Lakeland... Sentia-se muito forte e segura. Não temia afastar-se quase trinta quilômetros de seu rancho, ainda mais usando jóias. Além disso, se os bandidos a apreendessem, significaria um bom resgate...

— Naturalmente.

— Contudo, estava inteiramente tranquila. Que significa isso?

— Simplesmente que os Lakeland são os patrões. Ouvi falar deles em Owens, com tanto respeito e medo como do próprio Driscoll. Então, a coisa não me despertou a atenção...

— Em que está pensando, Clark?

— Veja. Susan falou-me claramente que se Driscoll e seu bando andavam por ali é porque eles não pretendiam varrê-los.

— Terão muita gente no rancho. Caso contrário, Driscoll seria incapaz de deixá-los viver...

— Irish, se os Lakeland toleram Driscoll é por algo...

— Ela disse que não queriam complicar a vida...

— Não iria dizer que protegiam Driscoll porque o bandido lhes servia. Falou muito mais do que devia, para não levar-me a pensar em certa coisa...

— Sim?

— Naquele momento, praticamente nada. Estava preocupado a seu respeito...

— Caramba, camarada! Dá gosto ouvi-lo dizer coisas assim. Quando fica feito gente, você é um encanto.

— Não me provoque Irish. Vejo-a como um rapaz e posso dar-lhe um tabefe, o que não convém. Se a olhar como uma juvenzinha poderia ser pior...

Irish ajeitou o cabelo, num gesto tipicamente feminino e adotou uma atitude que chegava à provocação. Sorriu com picardia e disse:

— Está bem. Não vou provocá-lo. Diga o que pensou depois.

— Queriam vendê-la: para quê?

— Para trabalhar.

— Onde?

— Não sei. No rancho, talvez...

Clark apontou na direção do vale.

— E se fosse para trabalhar ali?

— Que quer dizer?

— Os bandidos pareciam acostumados a raptar gente e vendê-la.

— Sim. Parecia um negócio já estabelecido — brincou Irish. — Pelo menos foi o que deram a entender.

— Os Lakeland toleram Driscoll porque ele lhes proporciona gente para trabalhar aí. Gente que tira o ouro para eles, compreende agora?

— Não aborreça! Isso não pode ser... — declarou Irish, sobressaltada, embora compreendendo que ele poderia acertar.

— Isto está longe do mundo, Irish. Os Lakeland não tolerariam que viesse gente para cá, levar o ouro em suas barbas e estão agindo como eu disse...

— Mas eles têm um rancho...

— Muito bem, o rancho pode permitir-lhe uma boa vida, mas devem ser escravos dele. O ouro os ajudará a voar dentro de dois ou três anos, ricos, muito ricos, para não terem que pensar mais em ranchos e em nada...

— Pode ser que tenha razão!

— Claro que tenho. Toleram a existência de Driscoll, o qual recebe pelas presas, às quais saqueia antes... Certamente deve legar algum ouro.

— E que poderemos fazer nós, sozinhos? Porque eles naturalmente disporão de muita força. Não é apenas Driscoll...

— Pois é o que me preocupa. Muita gente contra quem lutar. E um montão de seres que estão aí, escravizados e que não servirão de grande coisa, na hora de o chumbo correr...

— E por que haveria de ser assim? Pode estar enganado...

Um ar de dúvida apareceu no rosto de Clark.  
— Não tardaremos muito a saber.

— Que vai fazer? — perguntou a jovem, alarmada.

— Por ora, descansar. Um trago e dormir em seguida...

Escolheu um bom lugar para que ela se deitasse, amontoando ramos secos sob as mantas para isolá-la da umidade.

A jovem ficou enternecida e disse: —. Você é um estupendo camarada! Sentirei sua falta quando nos separarmos.

— Eu também. Sempre recordarei as lagrimzinhas que derramou em minha camisa no outro dia... Que por sinal você ainda não pôde lavar...

— Vá para o inferno! Viu como não posso falar com você?

— Cale-se e durma. Temos que reunir forças para o momento de lutar, se é que ele chegará.

Sem ligar para a irritação da moça, Clark começou a preparar seu lugar para dormir.

Quando despertou, o jovem consultou seu relógio, com a impressão de que dormira muito.

— Pouco mais de duas... Boa hora para dar uma volta...

Clark olhou para o lugar de Irish. A linda loura fora deitar-se extenuada e dormia calmamente.

O jovem deslizou, abandonando o leito improvisado.

Procurando não fazer ruído, contendo até a respiração, arrumou a roupa desabotoada e ajustou o cinturão com as armas. Em seguida, verificou se funcionavam bem.

Deixou o acampamento, arrastando-se como um réptil, em direção ao "Vale do Diabo".

Não tardou a alcançar uma elevação de onde poderia dominá-lo, distante pouco mais de uns cem metros.

O primeiro que divisou foi a instalação para lavar a areia.

— Caramba! Quer dizer que é mesmo uma mina! Contra o que podia esperar, o acampamento estava em franca atividade.

Uma porção de homens e algumas mulheres trabalhavam nas escavações, algumas bastante profundas, arrancando o minério que outros levavam para a lavagem.

Convenientemente distribuídos, havia bastantes lampiões e lanternas de petróleo que davam luz suficiente para que pudessem trabalhar.

Era tudo feito em silêncio e os movimentos, como a expressão dos que trabalhavam, não correspondiam aos de gente que se sente feliz, trabalhando sua própria riqueza.

— Claro que fazem isso contra a vontade — monologou.

Devidamente repartidos, dominando os lugares em que estavam, Clark avistou alguns homens, armados de rifles e revólveres.

Sua atitude não parecia amistosa em relação aos operários.

Clark notou também que se alguns dos mineiros agiam com lentidão ou simplesmente suas forças não correspondiam, os vigilantes dirigiam-se a eles em atitudes ameaçadoras.

Em torno do acampamento e a certa distância, havia um anel de vigilantes, os quais Clark demorou a descobrir, pois estavam fora da zona iluminada.

O jovem já estava observando há cerca de meia hora, quando percebeu que se iniciava uma discussão no meio do acampamento, entre um dos homens e um vigia.

Contudo, tudo logo cessou, quando o guarda atingiu o rosto do outro com a coronha do rifle, deixando-o sem sentidos.

Outro guarda apontou a arma para dois mineiros que tentaram solidarizar-se com o companheiro espancado.

O jovem precisou conter seu desejo de intervir.

— São muitos para um homem só... Não sei como poderemos solucionar isto...

Fora da zona de exploração alinhavam-se as tendas de campanha, protegidas do sol por paredões não muito altos, mas bem localizados.

Outra descoberta que Clark logo fez foi que dois homens a cavalo, ambos armados de rifles, circulavam constantemente em torno do acampamento, deixando dentro da circunstância os últimos guardas.

Os dois homens marchavam em sentido contrário, encontrando-se a cada volta que davam.

Faziam turnos para descansar, de modo que pelo menos um ficava sempre vigilante, impedindo que a guarda exterior se afrouxasse.

Clark estudou tudo detalhadamente, chegando inclusive a cronometrar os movimentos dos homens.

Retirou-se ao fim de uma hora, mas não voltou para seu acampamento. Descreveu um amplo semicírculo e chegou até as proximidades dos prisioneiros.

Dali pôde examinar o terreno conscienciosamente, olhando em direção aos paredões onde tinham o acampamento, assegurando-se de que não eram visíveis, mesmo



em pleno dia, a menos que os da mina assomassem ou os de fora se aproximassem.

O ruído de alguns roncoss chegou-lhe aos ouvidos, clara indicação de que havia gente descansando nas tendas dos prisioneiros.

Assim que seus olhos se habituaram à conformação do lugar, avistou dois homens armados, também guardando aquele ponto.

— Demônios! Está claro que esta gente sabe organizar bem as coisas e não será fácil surpreendê-los.

Naquele momento, Clark chegou a sentir-se um pouco perdido. Amaldiçoou mentalmente os Lakeland, certo de que eram os culpados daquilo.

Afinal, receando que Irish despertasse e cometesse qualquer imprudência, não o vendo, resolveu voltar, procurando escolher o terreno e apagando cuidadosamente qualquer rastro.

Quando chegou ao acampamento, Irish dormia, dando a impressão de nem se ter movido.

Clark atirou um bom gole de uísque na garganta e tornou a dormir.

Quando acordou era dia claro.

Seu primeiro olhar foi para Irish que o contemplava sorridente, de cócoras a seu lado.

— Bom dia. Dormiu um bocado, hein?

O olhar da jovem foi do rosto de Clark ao cantil de uísque que lhe ficara ao alcance da mão.

— Uísque? — perguntou, com expressão maliciosa.

— Não fique assim, por favor. Uma das coisas más que têm as mulheres é essa mania de querer dominar a gente demais.

— Já lhe disse que você não me interessa nesse sentido.

— Então pare de vigiar-me e meter-se em minha vida.

— Está bem. Dei água e ração aos animais.

— Espero que não tenha feito muito barulho.

— Nada de barulho. Proibi os cavalos de relincharem. Fiz-lhes compreender que o inimigo está perto.

— E agiu bem — replicou Clark, sem querer entender a brincadeira.

Em seguida, informou:

— Ontem à noite fiz uma viagem de exploração. Duas longas horas. Vi bastante e não gostei de nada do que vi.

Enquanto se levantava e lavava-se, Clark fez a Irish um minucioso relato do que pudera observar.

— Não viu meu pai? — perguntou ela, finalmente.

— Não. Diria a você. Imagino que devia estar entre os que descansavam no momento...

— Muita gente?

— Haveria uns quinze trabalhadores, entre homens e mulheres. Talvez um pouco mais. Vigiano-os, dez, sem contar com os outros perto das tendas de campanha.

— Não podemos contra todos!

— A mesma conclusão a que cheguei, embora ainda não me tenha dado por vencido — replicou o jovem.

— Temos que voltar atrás, dar parte às autoridades e trazer gente suficiente para terminar com essa vil exploração.

Clark negou com a cabeça.

— Nada disso. Já tivemos muita sorte, conseguindo chegar até aqui. Seria difícil sair sem que nos dessem caça. Certamente estão à nossa procura como loucos...

— Mas...

— Temos que resolver o caso aqui, antes que Driscoll possa reorganizar seu bando...

— Não vejo como...

— Isto é comigo. Se conseguirmos sair, coisa que duvido e muito, eles saberiam. Quando voltássemos esses trabalhadores já teriam desaparecido e tudo tomaria um aspecto normal. Seríamos tomados por loucos...

Angustiada, Irish baixou a cabeça, compreendendo que seu companheiro tinha razão.

Clark pousou a mão direita carinhosamente sobre sua loura cabeleira e disse:

— Confie em mim. Tudo sairá bem.

— Oh, Clark! Meu pai...

Não pôde terminar. Atirou-se sobre o peito do rapaz e começou a chorar.

— Por favor, lourinha. Vai deixar-me a  
camisa manchada de lágrimas e isso não fica  
bem...

## CAPÍTULO X

Clark teve todo o dia para arquitetar seu plano de ação de modo cuidadoso, levando em conta que as coisas poderiam sair mal e nessa hipótese deveria restar uma possibilidade de retirada.

Assim, deixaram os animais de carga e tudo que levavam no acampamento. Estando soltos, os animais poderiam valer-se sozinhos, no caso de eles não voltarem...

Conservaram apenas os cavalos de sela, com armas e provisões, no caso de uma nova travessia do deserto.

Os dois jovens efetuaram uma ampla volta até colocar-se de costas para os paredões que escondiam as tendas dos mineiros.

Uma vez lá, Clark apontou a Irish o lugar onde ela devia ficar com os cavalos, prontos para a fuga.

— Entrincheire-se atrás desta rocha, caso tenha que proteger minha retirada... Por favor, mantenha o pulso firme e não aproveite a ocasião para livrar-se de mim...

— Não seja palhaço... Por mim, iria a seu lado.

— Sei disso. É uma jovem valente, mas seu lugar é aqui. Terá que sacrificar-se...

Antes que ela pudesse responder, ele deslizou como um réptil.

Conhecia bem os lugares em que ficavam os dois guardas e chegou facilmente até as costas de um deles.

Como que pressentindo o perigo que o espreitava, o homem remexeu-se, inquieto.

Num dado momento pareceu que ia virar-se e Clark não perdeu tempo. Atacou rápido, descarregando-lhe um forte golpe na nuca com a coroa do revólver.

O homem estremeceu, como que sacudido por um choque elétrico e Clark, para certificar-se, tornou a golpear o mesmo lugar.

Ao segundo golpe, o guarda parou de mover-se e começou a cair o que o jovem evitou, segurando-o fortemente.

Foi então deixando-o cair brandamente até o chão. Arrastou-o para evitar que o outro guarda o visse se chegasse um pouco mais adiante. Amarrou-o e amordaçou-o com todo o cuidado.

— Bem, já temos um. Com as armas à nossa disposição ...

Clark voltou atrás, passando por onde estava Irish.

— O primeiro golpe foi bem.

Quando conseguiu chegar às costas do outro vigilante, este já tinha saído de seu lugar, estranhando a ausência do companheiro. Foi à sua procura.

Clark caminhou na ponta dos pés e chamou suavemente:

— Ei, amigo...!

O homem virou-se rápido, surpreendido... Deparou com o punho direito de Clark, caindo com incrível violência em seu queixo.

Grunhiu ao sentir o golpe, sua cabeça oscilou e o chapéu saiu em disparada.

Antes que pudesse reagir, Jackson golpeava novamente agora com a coronha do revólver nos músculos do pescoço, pouco abaixo da orelha.

O homem encolheu-se, com as pernas dobradas e Clark aproveitou para acertar-lhe o golpe de misericórdia que o deixou fora de combate.

Arrastou o bandido e escondeu seu rifle. Instantes depois, o homem estava também amordaçado e manietado.

Voltou para Irish, a qual continuava atenta em seu posto.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Por ora, sim.

— Você é formidável! — aplaudiu- em voz baixa.

— Pena que seja tão selvagem, embora numa situação dessas isso tenha o seu valor.

— Depois, falaremos disso... — acrescentou ela.

— Mau. Começa a enternecer-se e isso significa que seus planos a mau respeito são sinistros — brincou ele.

— Depois, conversaremos... Não estamos em situação de brigar porque senão...

Clark deixou-a com a palavra na boca, afastando-se em direção às tendas de campanha.

No momento em que se virava, percebeu que a pele à entrada de uma das tendas se movia. Ouvia um bocejo e pouco depois aparecia à entrada o brutamontes que se espreguiçava.

Entre um bocejo e outro o homem gritou:

— Ei, Cronin! Onde diabo, está você? Acho que já é hora de substituí-lo.

Seu vozeirão retumbava.

Ao girar, procurando o companheiro, avistou Clark que lhe apontava a arma e sorria zombeteiramente.

— Oh!. — exclamou o homem.

Do interior da tenda, alguém perguntou em voz sonolenta:

— Que há?

Clark não teve alternativa senão atacar; com sua costumeira rapidez enfiou-lhe a esquerda livre no fígado e, quando o outro dobrou-se para a frente, devido à aguda dor, descarregou em sua nuca um furioso golpe, deixando-o sem sentidos.

Audaciosamente penetrou na tenda de campanha, deparando com dois homens em seu interior.



— Quietinhos ou viram peneira. Vamos para fora, rápidos, assim como estão.

A atitude de Clark não deixava lugar a dúvidas, mas eles tentaram ganhar tempo, procurando uma maneira de atacá-lo.

A esquerda do jovem tornou a entrar em ação, golpeando o que estava mais próximo, enquanto ordenava:

— Quietinhos!

O outro que se erguia tentou aproveitar-se e um dos pés de Clark entrou em movimento, explodindo contra a boca do homem, arrancando-lhe os dentes.

Para que não dormisse, assentou-lhe outro pontapé nos quadris, fazendo-o sair para o exterior, juntamente com o companheiro.

O gigantão começava a dar sinais de vida e tentou chegar a uma de suas armas. Tornou a dormir com um forte pontapé que Jackson lhe atirou nas costelas.

Clark não quis pôr tudo a perder por um excesso de amor próprio e modulou um suave assobio, sinal convencional para que Irish acorresse em seu auxílio.

— Que houve?

— Desarme esses três sujeitos e vá amarrando-os conscienciosamente.

— Há mais algum por aqui?

— Não sei. Imagino que não... Essa gentalha tem um verdadeiro exército à sua disposição.

Inutilizados os três homens, protegido, por Irish, Clark verificou que não havia mais guardas no lugar.

Uma vez certos disso, foram percorrendo todas as tendas de campanha, contando entre os que descansavam nelas até quatorze homens e três mulheres.

Irish conseguiu descobrir seu pai numa das tendas, mais por sua maneira peculiar de roncar que por outra coisa.

Ao perceber que o sacudiam, o homem ergueu-se um tanto mecanicamente, perguntando:

— Já está na hora?

— Papai! Sou eu, Irish...

Apesar da escuridão, os dois jovens perceberam que os olhos de Sammy Wells arregalavam-se desmedidamente, até dar a impressão de que saltariam das órbitas.

Afinal balbuciou com expressão de profunda dor:

— Você também aqui, minha filha? Apanharam-na?

— Nada disso, papai! Viemos libertá-los. Somos nós... Comigo veio Clark Jackson...

Irish abraçara-se a seu pai, beijando-lhe uma face. Wells passou o braço pelos ombros da filha, como que para protegê-la e olhou na direção do jovem.

Já certo de que não havia confusão possível, que era realmente ele, um ar de desprezo apareceu em seu rosto ao dizer: ,

— Clark Jackson! Aquele bêbedo!

— Papai, por favor...! — suplicou Irish, compreendendo que seu pai ainda não percebera a realidade da situação.

Os que dormiam na mesma tenda tinham acordado e levantado a fim de ver o que havia. Aquilo lhes parecia tão irreal quanto um sonho.

Por seu lado, após soltar duas pragas, Clark exclamou:

— Maldito seja! Como pode falar de mim traidor, ladrão?

— Nada lhe roubei...! — Irish interveio:

— Calem-se todos os dois! Querem perder tudo que já conseguimos? Viemos tirá-los daqui! Ele arriscou a vida e eu também! — acrescentou, dirigindo-se ao pai.

Em seguida, falou para os outros:

— Levantem-se, em silêncio! Os que tiverem coragem para lutar, terão armas!

Wells levou as mãos à cabeça, finalmente entendendo o que acontecia. Exclamou:

— Oh! Acho que finalmente acordei... Desculpe-me, Clark, rapaz... Mas juro que nada lhe roubei.

Um dos homens fez um gesto imperativo, indicando que deviam ficar em silêncio. Anunciou em voz baixa:

— Calem-se! Aí vêm eles...!

Todos os rostos exibiram expressões ansiosas e angustiadas.

## CAPÍTULO XI

Clark consultou o relógio rapidamente, verificando que era a hora de substituição da guarda. Imediatamente tomou conta da situação.

— Depressa, e sem fazer ruído, acordem seus companheiros e contem-lhes o que há...!

Os homens reagiram com mais rapidez que Clark esperava.

Bastou-lhe um olhar para verificar que alguns dos mineiros não tinham condições de suportar uma luta séria.

Pensou também que o desespero muitas vezes cria novas forças.

O jovem dirigiu-se a Irish:

— Distribua armas entre eles. E que todos se retirem para onde estão nossos cavalos. Vou agora para lá.

Irish saiu depressa a fim de cumprir a ordem de Clark. De bom grado dar-lhe-ia um abraço, mas soube controlar-se.

Clark perguntou a Sammy:

— Virão com os outros?

— Não. Vêm sós, para não perder tempo. Levam-nos e depois recolhem os outros que ficarão dormindo enquanto trabalhamos.

— Quantos são?

— Dois a cavalo e dois a pé...

— Não dão para meter medo. E depois será mais fácil, quando tivermos que atacar os que ficaram lá em baixo. Vamos!

Clark e Sammy dirigiram-se para junto dos outros, já todos armados, embora alguns tivessem apenas punhais.

O jovem escolheu os que considerou mas aptos, deixando os outros para proteger o ataque. Depois, recomendou:

— Principalmente, nada de ruído. Pensem que a vida dos que trabalham lá em baixo depende de nosso silêncio. Vendo-se perdida, essa gentalha matará e fugirá....

A um gesto de Clark, cada um dos homens passou a ocupar um posto previamente designado.

Junto a Sammy, o jovem postou-se no lugar por onde deveriam chegar os bandidos.

Os que avançavam a cavalo vinham na frente, silenciosos, enquanto os outros dois brincavam com os próprios rifles, zombando dos prisioneiros.

Um dos cavaleiros gritou:

— Ei, Cronin, Dulles! Que esses vagabundos se preparem!

Os quatro homens já tinham passado diante de Clark e Wells.

O primeiro deles levantou a mão e quatro homens surgiram como sombras, cercando os vermes.

O pai de Irish e Clark pularam também, cortando-lhes a fuga.

Foi Clark quem deu a ordem:

— Não se movam e silêncio...

Um dos homens tentou disparar o rifle.

A arma de um trabalhador sibilou no ar, alcançando-o na cabeça que foi rebentada com uma maçã madura.

O que golpeara deu uma risadinha zombeteira e disse:

— Tinha marcado esse canalha. Espancou-me ontem à noite e jurei que havia de pegá-lo.

Os dois cavaleiros e o outro guarda não ousaram mover-se.

Surgiram mais dois homens que tomaram os cavalos pelas rédeas, a fim de evitar que os cavaleiros pudessem comandá-los.

— Desçam, todos dois, e cuidado! — exclamou Clark. — Não pretendo derramar sangue, a menos que alguém se meta a engraçadinho.

Os três homens foram rapidamente inutilizados, passando a fazer parte do monte dos companheiros já aprisionados. Suas armas foram igualmente divididas com os mineiros.

— Agora, aos outros! — pediu alguém, excitado pela vitória.

Clark pediu:

— Calma, amigos. Lá existem vidas que pendem por um fio. Uma tolice nossa poderia ser fatal para alguns deles.

O jovem dirigiu-se a um dos homens que tinham agido e que poderia passar por um dos cavaleiros desarmados.

— Vista as roupas desse verme. Eu e você iremos a cavalo. Outros dois irão a pé, segundo o costume deles. Que mudem de roupa também...

A operação foi efetuada rapidamente.

Clark continuou dando instruções:

— Os outros irão como até agora. Cuidado para que não lhes vejam uma arma antes do tempo, amigos... As mulheres, em forma também...

Uma delas, ao lado do marido, armara-se de revólver. Falou:

— Um daqueles vermes vai engolir isto. Ou deixo de ser quem sou. Arrastou-me pelo chão, puxando-me os cabelos e, quando meu marido procurou defender-me, foi moído a pancadas...

O homem ainda mostrava no rosto as marcas da crueldade de que fora vítima por parte dos guardas.

A coluna entrou em movimento, encabeçada por Clark e fechada pelo outro cavaleiro, como de hábito, enquanto os outros dois iam aos lados.

Clark procurou iludir o guarda colocado no exterior da jazida. Para que ele não percebesse a



transformação, deixou cair a abada do chapéu sobre o rosto.

Contudo, o fulano adiantou-se ao encontro do jovem. Com o rifle debaixo do braço, Clark deixou-o sob mira, dizendo:

— Não tente gritar ou chamar a atenção que parto-o com um tiro...

O homem ficou imóvel, enquanto Clark continuava a marcha, certo de que o velhaco seria posto fora de ação.

Realmente. Dois homens que vinham imediatamente atrás apoderaram-se do guarda, fazendo-o desaparecer na fila. Foi desarmado e ameaçado pelas armas, enquanto o faziam caminhar entre os dois.

Os vigilantes que tinham ficado com os prisioneiros estavam com a atenção voltada para eles, formando-os para o regresso e não perceberam a situação.

Os trabalhadores saíram de suas escavações, ansiosos por um descanso e apressaram-se a entrar em forma.

Suportando com aparente indiferença as zombarias grosseiras e os insultos dos guardas.

De repente, estes se viram cercados pelos que chegavam ao trabalho, os quais os desarmaram, inutilizando-os rapidamente.

A mulher que levava o revólver procurara ficar perto do que a maltratara e desferiu-lhe dois furiosos golpes; com a arma.

— Eis o que lhe prometi, canalha! Apesar de desarmado, o homem tentou revirar-se tão o marido descarregou-lhe tão forte coronhada na cabeça que o crânio do guarda espatifou-se.

Restavam os guardas do exterior, os quais perceberam que algo anormal acontecia na mina e avançaram resolvidos a usar as armas.

Contudo, os mineiros estavam decididos a terminar tudo de uma vez e nem lhes deram tempo de abrir varrendo-os com uma saraivada de chumbo.

Os homens estremeceram com o choque dos balaços um caindo, um após outro, sem chegar a compreender o que acontecera realmente.

Um dos recém-libertados exclamou alegremente: — Livres, estamos livres! Malditos vermes! Batam agora, zombem, ameacem!

Empunhara uma picareta e com ela destroçou a cabeça de um dos mais cruéis guardas.

Como se aquilo fosse o sinal, lançaram-se ébrios de vingança contra os guardas aprisionados, exterminando-os em poucos minutos.

Clark pensou que seria inútil opor-se. Já vira o suficiente para compreender o ódio que os prisioneiros tinham armazenado. Com efeito, pouco depois corriam com fogo, para seu acampamento, enforcando os bandidos que tinham ficado amarrados.

Uma vez saciada sua vingança, os mineiros foram ficando um tanto mais calmos.

Então, ávidos de saber como se produzira o milagre, cercaram o jovem, crivando-o de perguntas, disputando-se para apertar-lhe a mão, agradecendo-lhe de mil maneiras a façanha de livrá-los de sua infeliz situação.

Irish também foi alvo de toda classe de atenções que recaíram também sobre Sammy Wells, ao saber que era o pai da corajosa jovem.

Clark fez-lhes compreender que deviam em ordem ir o acampamento, a fim de defender os filões e organizar sua exploração em benefício de todos.

— Reflitam que eles podem surpreender-nos se nos descuidarmos.

Um deles informou:

— Só virão recolher o ouro amanhã. Fazem isso cada três ou quatro dias.

— Mas resta Driscoll. E sua gente. Devem estar por aí, procurando-nos como loucos. Se conseguem encontrar meus rastros, cairão por aqui quando menos esperarmos.

Um homem adiantou-se para dizer:

— Ouvi um desses bandidos comentando que alguém deixara o bando de Driscoll quase arrasado e que o próprio Driscoll estava aborrecido com isso.

— Todos vocês foram capturados por homens desse bandido?

— Sim, todos — responderam vários homens.

— Em quantas pessoas calculam o total de seu bando?

— Não seriam mais de quinze — respondeu alguém.

— Quando muito, uns dezessete. Certamente não chegam a vinte — replicou o pai de Irish.

— Se é assim, não devemos inquietar-nos muito, carreguei-me de onze, além de ferir Driscoll.

Sammy Wells indicou:

— De qualquer modo, devemos ficar atentos, amigos. Levemos em conta que não existe apenas a gente de Driscoll. Temos os outros que ainda são piores do que eles.

Clark propôs:

— Vocês se conhecem bem. Elejam um comitê que tome conta da mina e veja a maneira mais justa de explorar o ouro para que ninguém saia perdendo.

Wells tornou a intervir, após acariciar sua filha: — Antes de mais nada, precisamos pensar em montar a vigilância. Gente jovem e decidida e que Clark se encarregue de dirigir a questão. O jovem sabe o que faz...

Foi escolhido por unanimidade.

Apresentaram-se alguns voluntários e entre eles o jovem selecionou os que estavam em melhores condições físicas.

No mesmo momento era nomeado também um comitê, enquanto um homem e uma mulher encarregavam-se dos víveres. A mulher propôs:

— Acho que deveríamos encher os estômagos. Quanto a mim, durante este tempo passei mais fome que a que julguei pudesse suportar um ser humano.

Em menos de meia hora tudo ficou funcionando a contento.

Clark pôde enfim retirar-se para uma conversa com seu antigo sócio, embora Irish os seguisse, temerosa que ainda pudesse surgir qualquer discussão entre os dois.

Antes que Clark abrisse a boca, Wells declarou energicamente:

— Nada lhe roubei, Jackson. Como vê falhou, entrei em acordo com Hopkins e ele arranjou-me o necessário. Aí está ele, cheio de vida e pode dizer-lhe como tudo aconteceu.

— Não é preciso. Acredito em você. Como foram agarrados? |

— Chegarei lá, rapaz. O sujeito que me falou sobre o ouro, era um agente de Driscoll. Fingindo-se de embriagado engambela a gente lindamente. Driscoll encarregou-se de apanhar-nos, trazendo-nos para cá em seguida...

— Aconteceu o mesmo com os outros?

— Sim. E o agente é sempre um...

— Quer dizer que não é Driscoll quem explora isto?

— Qual nada! Ele recebe um tanto por cabeça e fica com o que tivermos. Acho que lhe dão uma pequena percentagem do ouro extraído.

— Quem afinal explora a mina? — perguntou Clark.

— Não lhe poderia dizer. Parece que possuem um rancho a uns duzentos quilômetros daqui. Depois existe uma nova franja de deserto de uns oitenta quilômetros, segundo ouvir dizer. Finalmente chega-se aos limites de Serra Nevada...

Após uma pequena pausa, Wells retornou:

— O rancho fica no território da Califórnia e isto pertence ao flamejante estado de Nevada. Mas as autoridades estão muito longe, separadas por muitos quilômetros de terras inóspitas e desérticas...

— Sim. Talvez ignorem que exista tal exploração, que aqui se extraia ouro...

— Também acho...

— E os que fazem isto são bastante ousados — interveio a moça. — Será que não temem ser descobertos?

— É muito difícil, pequena. Têm uma equipe de gente muito dura, que também recebe uma pequena parte do ouro extraído e, além disso, com a vigilância cerrada seria quase impossível um homem sozinho escapar ...

Clark ratificou o pensamento de Wells; dizendo:

— É preciso vencer um cinturão de areia de muitos quilômetros. Seria impossível atravessá-lo a pé e muito menos com a vigilância que eles mantêm...

Wells continuou informando:

— O primeiro que fazem é despojar-nos das armas, dos animais, da comida e até das vasilhas que possam servir para levar água. Nessas condições, o jeito é ficar aqui.

— Ninguém tentou a fuga?

— Vários. E todos estão enterrados. O que conseguiu afastar-se mais não ultrapassou os cinco quilômetros...

Clark perguntou:

— Além da gente que mantinham aqui, esses fulanos contam com muitos mais?

— Tentei informar-me, para o caso de alguma eventualidade, verificando que teriam pelo menos mais trinta na equipe. Costumam alternar-se, ficando cada uma três semanas aqui...

— E todos tão selvagens?

— Na verdade não havia grande diferença, embora talvez o pior grupo seja o que vem amanhã para substituir os que estavam aqui. De passagem, estes que iriam levariam consigo o ouro extraído até então.

## CAPÍTULO XII

A equipe de homens que chegou para substituir os que tinham sido aniquilados na noite anterior, foi rapidamente dominada, caindo cinco do recém-chegados, durante a breve luta travada.

Naquela ocasião não houve a mesma explosão de vingança da noite anterior e depois da luta apenas caiu um bandido que se tinha distinguido por sua brutalidade, matando um dos prisioneiros.

Entre os recém-chegados, Clark descobriu um homem que se destacava dos outros por sua maneira de vestir e cuja semelhança física com Susan Lakeland saltava aos olhos.

Clark referiu-se a ele, perguntando ao pai de Irish:

— Este sujeito dirige o grupo de guardas?

— Não. Este vem apenas quando há ouro para recolher e torna a partir. Pela maneira de ser tratado, deve ser o dono do rancho.

— Tenho motivos para pensar que é um dos donos... — Clark dirigiu-se a ele.

— Olá, Lakeland. Tinha vontade de deitar-lhe os olhos em cima.

— Não o conheço. Vá para o inferno e deixe-me em paz! Pagarão caro por isto.

— Deixe disso. Deveria perceber que seu negócio terminou. E duvido que possam conservar



a vida. Tanto as leis da Califórnia como as de Nevada os condenarão à pena de morte na ponta de uma corda. Nada agradável, segundo parece.

O homem engoliu em seco e ficou em silêncio.

Um dos veteranos na extração do ouro, alto, magro, com uma forte ossatura que o deixara reduzido a pele e ossos, dirigiu-se a Lakeland:

— Em Nevada ou Califórnia, não sei exatamente onde estamos, nós é que faremos justiça. E vocês não passarão nada bem...

Uma mulher adiantou-se, ficando diante de Lakeland:

— É você o chefe de todos estes bandidos? Pois seu futuro não será muito agradável. Meu marido já está enterrado e por culpa de vocês. Era jovem e forte, tinha muitas ilusões...

Clark dirigiu-se a seus novos companheiros:

— Amigos, enquanto restar um Lakeland, o perigo continua. E, que eu saiba, ainda existem pelo menos dois, não é verdade? — perguntou ao rancheiro.

— Já lhe disse para ir para o inferno... — replicou o canalha em tom inexpressivo.

Mal pôde terminar a frase. Clark levantou a direita e deu-lhe uma série de bofetadas para um lado e para outro, até derrubá-lo ao chão, atordoado.

Levantou-o à força, pegando-o pela roupa, sacudiu-o violentamente e avisou:

— Trate-me com mais respeito, ordinário. E agora responda: quanta gente ficou em seu rancho?

— Vá você contar pessoalmente. Assim ficará sabendo — respondeu, com desdém.

A esquerda de Clark incrustou-se no corpo do verme, à altura do fígado.

Lakeland deu um soluço e dobrou-se para a frente, enquanto seu rosto adquiria um tom azulado.

Um direto ao queixo obrigou-o a levantar a cabeça, perdendo o equilíbrio.

— Mantenha-se direito e responda como é devido. A mim se fala como a um senhor. Responda!

Continuou silencioso.

Um dos procuradores de ouro colocou-se ao lado de Lakeland e disse:

— Eu o farei falar. Jackson. Ando justamente de olho neste canalha. Achei-o antipático desde a primeira vez que o vi.

O mineiro agarrou com dois dedos os músculos do pescoço do homem e começou a apertá-los, aumentando a pressão paulatinamente.

O torturado passou da cor azulada para a terrosa; enrijeceu os músculos e fechou a boca procurando resistir. Depois apertou os olhos, mas não demorou a abri-los, dando a sensação de que iam escapar-lhe das órbitas.

Abriu a boca para gritar agudamente.  
Conseguiu dizer:

— Basta! Falarei!

— Eu sabia que não podia aguentar... —  
comentou o mineiro, satisfeito.

— Restam dezoito — anunciou.

— Quantos irmãos?

— Um.

— E a moça...

— Sim, também ela — admitiu o verme.

— Ela enganou-se comigo, Lakeland...

— Não. Teve medo sabendo quem era você.

Depois não houve meios de encontrá-lo. Pensamos  
que o "Vale da Morte" o tinha engolido.

— Comido não puderam o "Vale da Morte"  
nem os bandidos que o exploram... e Driscoll?

O homem deu de ombros e disse:

— Sei que está ferido.

— Diga-me onde está...

Lakeland engoliu em seco e finalmente  
informou:

— Em Owens. Sendo tratado por cinco  
homens seus...

— O resto do bando... Não está mau.

Clark deu o interrogatório por terminado e  
disse a um companheiro:

— Acho que devem amarrá-los bem e prendê-  
los até que sejam julgados.

— Que pretende fazer, Jackson? —  
perguntou o chefe do comitê.

— Os do rancho virão averiguar por que estes não voltam levando o ouro. Até então alguns de nós estaremos por lá. Planejaremos uma emboscada. É preciso correr o risco. Esperar que saibam o que houve e permitir-lhes melhor defesa seria pior.

— Concordo. Afinal de contas, todos nós já nos considerávamos mortos. Se algum for liquidado, azar. É porque tinha que ser...

\* \* \*

Já era noite alta, quando o segundo Lakeland, apreensivo ao verificar que o irmão já deveria ter voltado há muitas horas, dirigiu-se a sua irmã:

— Não estou gostando disto, Susan. Keith já deveria estar de volta, com o ouro e os rapazes.

— Há muito que penso o mesmo. O tal de Jackson ficou-me atravessado na garganta...

— Foi procurado, mas não houve meios de encontrá-lo...

— Teimaram, dizendo que tinha ido para o interior. Com certeza conseguiu salvar a moça, voltou atrás e foi até Owens, em busca de ajuda.

— Impossível! Nós saberíamos. Driscoll e sua gente estão lá. E eles têm mais interesse em caçá-lo do que nós.

— E se interrou-se no deserto, que pode fazer um homem sozinho? — perguntou Susan em tom desdenhoso. — Por mais valente que seja, é apenas um homem.

— Sim, sei que tem razão, mas não estou tranquilo. Se foi em busca de auxílio, não tiveram ainda tempo para chegar ao "Vale".

— Certo — admitiu Susan. — Atrasaram-se por qualquer motivo. São muitos quilômetros a percorrer.

A substituição deveria ser feita de duas em duas semanas, em vez de como se vem fazendo agora.

James Lakeland levantou-se, dizendo:

— De qualquer modo, vou verificar o que aconteceu.

— Nesse caso, vou com você.

O segundo Lakeland olhou para a irmã com expressão impertinente, perguntando-lhe:

— O fulano a impressionou? Pois esqueça-se dele; se lhe deitarmos a mão em cima, não tem solução.

A linda morena respondeu friamente:

— Sinto por ele tanto amor quanto o próprio Driscoll. É um sujeito notável e impressionou-me. Além disso não posso perdoar-lhe o fato de ter-me desprezado...

— Então estamos de acordo. Em frente. Levaremos todos os homens possíveis. Ficará apenas o necessário para cuidar do gado.

— Que me importa o gado! Tenho vontade de perder de vista o rancho e estes horríveis lugares. Eis o que irá tirar-me daqui é o ouro e não o gado.

— Mas o gado é um bom disfarce, irmãzinha. Não se esqueça.

— Está bem. Que todos se aprontem para sair enquanto mudo de roupa. É uma coisa. Se encontrarmos o tal de Jackson, deixe-o para mim...

— Isso é coisa de homens, Susan. Se conseguirmos desarmá-lo, então será seu. Estou certo de que seria o pior castigo que poderia receber.

James Lakeland sorriu, com ar divertido.

Os Lakeland saíram à testa de um grupo de doze homens armados até os dentes, dispostos a tudo.

Mal se tinham afastado uns duzentos metros do rancho, quando viram emergir das sombras um cavaleiro solitário, que marchou a passo ao seu encontro.

James Lakeland levantou a direita, ordenando alto. Parou seu cavalo e Susan fez o mesmo.

De um modo instintivo, todos estenderam o pescoço, apertando os olhos e procurando distinguir o que chegava.

James falou primeiro, dirigindo-se à irmã com uma expressão que refletia seu desconcerto:

— Quem será? Sua silhueta não me é familiar... Não é nenhum dos nossos.

Um ar de incredulidade estampou-se no rosto de Susan. A linda morena esticou um pouco o pescoço e então sentiu-se invadida pela ira.

— Maldito seja! É Clark Jackson!

Sem sair do assombro que sentia pela notícia, James exclamou:

— A ele!

O nome de Jackson fora repetido durante aqueles dias no rancho dos Lakeland o suficiente para ser considerado um terrível inimigo. Muitos daqueles homens que agora acompanhavam os dois irmãos tinham percorrido quilômetros e quilômetros de deserto, procurando encontrá-lo e tinham voltado, cansados e humilhados.

O único fato de Susan pronunciar seu nome, foi como a clarinada que dá ordem de ataque e os homens nem esperaram as palavras de James.

Clark pediu inutilmente:

— Um momento!

Compreendendo as intenções dos componentes do grupo, fez seu cavalo empinar-se nas patas traseiras; entrincheirando-se por trás do corpo do animal, empunhou velozmente seu "Colt".

Os Lakeland e seus homens atiraram e o chumbo sibilou sinistramente perto do audacioso jovem.

Alguns projéteis cravaram-se no corpo do animal que corcoveou desesperadamente, relinchando de modo impressionante.

Da escuridão, em ambos os lados do grupo formado pelos Lakeland e os seus, brotou fogo e chumbo quente, procurando carne entre os canalhas.

Extraordinário cavaleiro, Clark obrigou o cavalo que montava a manter-se sobre as patas traseiras e por sua vez atirou contra o próprio Lakeland, o mais encarniçado em abrir fogo.

Atingido o verme foi arrancado do cavalo e em seguida o animal caiu sobre ele, que gritava tragicamente.

Sem defesa possível o pessoal do rancho foi varrido em poucos segundos, tendo apenas ocasião de disparar contra o jovem.

Este, finalmente, não pôde mais conservar o animal sobre si mesmo e precisou saltar agilmente, a fim de que o cavalo não lhe caísse em cima.

Quando ia pelos ares, ainda sentiu o zumbir do chumbo. Foi atingido por um dos projéteis e primeiro cambaleou, para cair em seguida.

Logo após sua queda, vítima de um tiro de Susan, esta foi vitimada por um balaço disparado por Irish.

A linda morena caiu de bruços sobre seu cavalo, o qual por sua vez também foi inteiramente crivado de balas, aprisionando-a sob seu corpo ao cair.

Esquecendo qualquer precaução, Irish correu para o lugar em que Clark caíra.



Alguns balaços ainda sibilaram por cima de sua cabeça, embora pouco depois a luta terminasse.

Já querendo levantar-se, Clark percebeu que Irish se aproximava e ficou imóvel.

A linda loura passou-lhe um braço sob o pescoço e tentou erguê-lo, enquanto o chamava angustiosamente:

— Clark! Clark! Não pode estar morto, Clark! Que tem você?

Levada por um súbito impulso, beijou-o ardentemente, tornando a chamá-lo.

O jovem entreabriu os olhos, sorriu com expressão matreira, fez pose e disse, com expressão divertida:

— Sabe que não vai indo mal? Se continuar assim, acho que conseguirá ressuscitar-me...

A reação de Irish foi deixá-lo cair violentamente no chão, para sair correndo ao encontro do pai para quem gritou:

— Vamos embora daqui, pois do contrário mato-o!

— Mas, não estava morto?

— A estas horas está morto de rir. Não há quem aguente aquele selvagem!

Dominando a hilaridade que lhe causara a atitude da jovem, Clark levantou-se de um salto, dirigindo-se aos companheiros.

— Agora, cuidado, amigos. O pessoal que resta no rancho não tardará a acudir para

averiguação. Não há muito que temer deles, embora pelo que vemos, os Lakeland escolhessem bem sua gente...

Pouco depois eram detidos sete "cowboys" mais que foram reconhecidos pelos mineiros como outros tantos que lhes serviam de guardas a cada três semanas.

Além deles foram detidas várias servidoras, negras e mulatas, mas foram postas imediatamente em liberdade, juntamente com a promessa de serem levadas até Owens, após o recebimento do que lhes deviam os patrões.

Quando se certificaram de que não havia mais ninguém no rancho, tomaram posse da casa. Depois de um minucioso exame, encontraram uma grande parte do ouro que tinha sido extraído da fatídica mina.

— Este ouro nos pertence — disse um dos mineiros. — Nós é que o extraímos...

Clark decidiu:

— Acho que podemos levá-lo calmamente a Owens e deixá-lo depositado no Banco até que seja resolvida a maneira de dividi-lo. É de vocês e fizeram jus a ele.

— Você também tem uma parte, Jackson. Sem sua decisão, nosso destino seria uma sepultura no "Vale do Diabo". Da maneira como éramos tratados, não precisaríamos esperar muito tempo.

Wells disse, por seu turno:

— E outros substituiriam os que fossem caindo...

— Está bem. Depois trataremos disso. E enquanto uns vão a Owens, outros podem ficar guardando o rancho e cuidando do gado. É uma riqueza que não se deve perder.

— Devemos dar parte dos acontecimentos às autoridades e podemos comprar o rancho. Poderia ser nossa base, onde encontraríamos carne fresca e os víveres necessários ...

O grupo dividiu-se e, enquanto uns ficaram cuidando do rancho, outros, com Clark à frente, partiram para Owens, levando o ouro numa pequena carroça.

Irish e seu pai participavam da expedição.

Apesar de seu espalhafato após a brincadeira de Clark, a jovem não o perdia de vista, aproximando-se dele pouco a pouco, como que atraída por um ímã.

Finalmente emparelhou com ele. Sem olhar para ela, Clark falou:

— Está bem. Vamos casar-nos.

— Nada quero com você!

— Resignei-me, loura. Você está um pouco magra, mas que se há de fazer? Depois engordará...

O homem suspirou e disse:

— Quem havia de pensar? Quando percebi que você era uma moça, devia sair correndo. Mas

quis bancar o valente e viu só o que aconteceu? A gente não tem mais remédio.

— Já disse que não quero casar-me com você — repetiu ela.

— Sim, ouvi perfeitamente. Foi justamente isso que me levou a perder toda esperança. Não tenho saída... Quando será o casamento?

Ela apressou-se a responder:

— Assim que chegarmos a Owens! E não pense que permitirei nenhuma daquelas suas saídas...

— E uísque racionado, não é isso? — perguntou Clark, suspirando resignadamente.

— Claro que sim!

— Pode-se saber então, para que diabos quero o ouro?

## EPÍLOGO

Driscoll e os homens que lhe faziam companhia em Owens, jamais poderiam imaginar o que lhes caía em cima, e foram facilmente capturados.

Apanharam-nos de surpresa na casa do médico da pequena localidade, onde se tinham instalado à força, enquanto Driscoll não ficasse bom de seus ferimentos.

Os canalhas foram conduzidos ao "Vale do Diabo", onde foram julgados juntamente com Keith Lakeland e os outros bandidos aprisionados.

A sentença só podia ser uma para todos e não demorou a ser cumprida.

O acampamento funcionou às mil maravilhas, organizando-se uma boa administração, de acordo com as autoridades do Estado.

Clark casou-se com a linda Irish. Chegara a Owens um fotógrafo e a loura exigiu que lhes tirasse um retrato .

Pouco tempo depois, a fotografia ficava exposta no lar dos "senhores Jackson", com uma inscrição que dizia:

"Selvagem caçado com grande risco às margens do Kern River. Cuidado que ele morde! A domadora".

*Fim*